

Revista Adventista

Revista Mensal · Ano 74 · Nº 800 · €1,90

Janeiro 2014

O evangelho no santuário israelita

QUADRO MINIATURIZADO DO GRANDE CONFLITO ENTRE O BEM E O MAL



Um déspota infinito ou um Deus amorável

Arderão os ímpios eternamente?

06



Unindo as Igrejas

Como devemos interpretar o movimento ecumênico?

20



Jakob Erzberger, o Pioneiro esquecido

Conheça a história do Pioneiro esquecido.

26

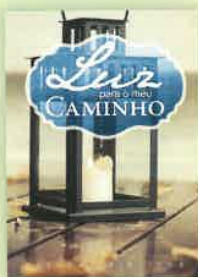


A MISSÃO

Um crente, um missionário

Visite | evangelismo.adventistas.org.pt

Cursos



Crenças Adventistas para Crianças



Folhetos



ÁREA DEPARTAMENTAL DE EVANGELISMO
Rua Acácio Paiva, 35 | 1700-004 Lisboa | Tel.: 21 351 09 10 | Fax: 21 351 09 29

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

editorial

VIDA CRISTÃ



15 A comunicação na família

É difícil aceitar que estejamos na era das comunicações e que, ao mesmo tempo, nos deparemos com os problemas de incomunicabilidade.

SAÚDE E TEMPERANÇA



23 O açafrão e a saúde

O efeito benéfico do açafrão sobre a saúde.

ESPAÇO JOVEM



24 Abençoados pela presença

EDITORIAL

04 "...deixa-a ainda este ano."

05 Memo

BÍBLIA

06 Um déspota infinito ou um Deus amorável?

Se a Bíblia é tão clara quanto ao tema do inferno, porque há tantas pessoas tão confundidas?

ARTIGO DE FUNDO

08 O evangelho no santuário israelita

O santuário israelita contém importantes lições sobre o plano da salvação e a sobre a vida prática do povo de Deus.

CIÊNCIA E RELIGIÃO

12 A matemática de Deus – Parte VIII

Qual o significado do número Quarenta?

18 Notícias Nacionais

TEOLOGIA

20 Ecumenismo – Unindo as Igrejas

É o movimento ecuménico o que Jesus pretendia quando orou pedindo que houvesse unidade entre os Seus seguidores?

HERANÇA ADVENTISTA

26 Jakob Erzberger, o Pioneiro esquecido

Jakob Erzberger tornou-se, em 1870, o primeiro pastor Adventista do Sétimo Dia europeu ordenado para o ministério.

REFLEXÃO

29 Ainda especial

Qual o segredo para se festejar vinte cinco anos de casado?

DEVOCIONAL

30 A história de Neemias – prestando atenção a uma reunião bíblica de reavivamento

O profeta Ageu diz-nos que os que retornaram tinham uma problema espiritual: eles debatiam-se com prioridades distorcidas, mundanismo e egoísmo.

32 Plano Estratégico – UPASD

UPASD – Relatórios 2013 e Plano de Ação 2014

Veja em www.adventistas.org.pt



“...deixa-a ainda este ano.”

No começo de um novo ano, desejo, com toda a sinceridade, partilhar consigo uma palavra de exortação. Jesus contou a seguinte parábola: “Um certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha, e foi procurar nela fruto, não o achando; E disse ao vinhateiro: Eis que há três anos venho procurar fruto nesta figueira, e não o acho. Corta-a; porque ocupa ainda a terra inutilmente? E, respondendo ele, disse-lhe: Senhor, deixa-a este ano, até que eu a escave e a esterque; E, se der fruto, ficará e, se não, depois a mandarás cortar” (Lucas 13:6-9).

“... *deixa-a ainda este ano*” – Congratulemo-nos por termos mais uma oportunidade na nossa vida. Deus ama-nos e deseja demonstrar esse amor em mais um novo ano. Devemos orar e jejuar, para que possamos entrar no novo ano com todo o entusiasmo e com toda a dedicação ao Deus Todo-Poderoso. As palavras “*ainda este ano*” fazem-nos lembrar que a Sua paciente misericórdia não é uma novidade. Foi devido a uma grande benignidade e misericórdia que foi dada à árvore uma nova oportunidade, ao permanecer ela ainda um novo ano. Uma nova oportunidade de prolongar a vida deverá ser considerada como uma bênção da misericórdia divina. Será que podemos dizer que, até ao momento, todos os anos que Deus nos concedeu foram colocados aos pés do Senhor? Certamente temos lembranças dos anos de severa aflição, quando tudo parecia ruir à nossa volta. Que o Senhor nos livre da tentação. Que Ele nos conceda a graça de nos livrar de passarmos mais um ano vazio, sem a entrega do nosso coração a Cristo. O novo ano também nos lembra as oportunidades que podem ser alcançadas pela presença do Espírito Santo. Será “*ainda este ano*” como tantos outros anos que decorreram? Bem faz o profeta do Senhor em mostrar a sua impaciência e clamar: “Até quando coxeareis entre dois pensamentos?” (I Reis 18:21). Deus pede-nos uma decisão, uma resposta imediata. Pois virá um último ano para cada um de nós. E

se fosse este o último ano da nossa vida? Certamente cada um correria de um lado para o outro para anunciar a mensagem do Senhor Jesus e reconciliar-nos-íamos com Deus. Querido amigo, “*ainda este ano*” será o seu último ano? Está preparado para a segunda volta de Jesus? Para entrar na Eternidade? Está prepara-

do para ouvir o clamor da meia-noite e entrar nas bodas do Cordeiro? “Em breve o velho ano, com o seu oneroso registo, terá passado para a eternidade, e iniciar-se-á o novo ano. Juntemos os tesouros do ano passado e levemos connosco, para o novo ano, a recordação da bondade e da misericórdia de Deus. Abrilhamos o futuro com o pensamento de bênçãos no passado” (Ellen White, MM, 1980, p. 356).

Mais uma vez, “*ainda este ano*” – a Cruz é levantada como um farol no mundo, a única luz verdadeira e poderosa. Milhões de pessoas poderiam viver um ano feliz e cheio de esperança, se somente olhassem para a Cruz e cressem. “Mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Filipenses 3:13 e 14). O Senhor em breve virá uma segunda vez, e então o resplendor do Seu trono ocupará toda a Terra. Veja “*ainda este ano*” como uma dádiva da graça infinita.

“Deus quer que sejais livres, quer que sejais crentes e confiantes, e apenas deixeis de duvidar, passando a crer. Oxalá Deus vos ajude. [...] Um novo ano descerrou-se diante de nós. Seja ele um novo ano feliz. [...] Abrigai-vos nos acolhedores braços de Jesus, e não procureis desenhencilhar-vos de Seus braços. Crede somente e louvai a Deus, e avançai. Quase estamos no lar” (Ellen White, MM, 1980, p. 7). †

· Pr. António Rodrigues, presidente da UPASD

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

janeiro

03-13	Programa Especial de Compromisso
11	Programa Especial de Compromisso – Transmissão via www.tvadventista.pt
18	Dia da Liberdade Religiosa
19	Encontro de Dirigentes J.A.
26	Conselho Nacional de Educação
26	Encontros Regionais de Delegados da ADRA

fevereiro

02	Encontro Nacional de Líderes
08-15	Semana Especial da Família
14-16	Encontro Nacional dos Ministérios da Criança
09	Encontro de Anciãos R.E. Lisboa
16	Formação de Instrução Religiosa por R.E.
16	Encontro de Anciãos R.E. Norte
23	Encontro de Anciãos R.E. Centro
28/02- -04/03	Congresso Nacional de Jovens

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

janeiro

01-03	Publicadora SerVir (PU)
06-10	Empresa de Alimentos Saudáveis Alemã (EUD)
13-17	União do Sul da Alemanha (SGU)
20-24	Associação da Olténia (RU)
27-31	Associação Eslovaca

fevereiro

03-07	Escritórios da ADRA (EUD)
10-14	Faculdade Marienhöhe (EUD)
17-21	União Italiana (IU)
25-28	Seminário Teológico Bogenhofen (AU)

ANTENA 1 RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 18h
ANTENA 1, a partir das 22h47

- 31/01 (segunda-feira)
- 03/02 (segunda-feira)
- 26/02 (quarta-feira)

CAMINHOS

RTP2, às 09h
ANTENA 1, a partir das 06h

- Não haverá este programa em janeiro e em fevereiro.

E... DEPOIS DA MORTE?

de Robert Leo Odom

Este livro do pastor Robert Leo Odom aborda o que, em Teologia, se designa como “escatologia individual”. O seu objetivo é expor, de forma concisa, mas abrangente, a doutrina sobre o estado do Homem na morte. Fundamentando-se na Palavra de Deus, o pastor Odom começa por expor a noção bíblica de “alma”, tornando claro o que significam o termo hebraico *nepshesh* e a palavra grega *psuchê* e quais as implicações antropológicas dos respetivos significados. Robert Leo Odom faz



notar que a alma humana, tal como é concebida bíblicamente, é o resultado da união do corpo físico com o fôlego ou o espírito proveniente de Deus. Ele também faz notar que a alma é mortal e que ela poderá obter a imortalidade somente como um dom de Deus, o único que é imortal. A imortalidade será concedida por Deus à alma do justo apenas após a ressurreição, que ocorrerá como o culminar da Segunda Vinda de Cristo. Neste livro é também abordada a questão sobre o inferno como local de castigo dos ímpios. O pastor Odom expõe a noção bíblica do inferno e analisa os textos bíblicos usados pelos defensores do tormento eterno para mostrar que, de facto, essa interpretação é incorreta. Finalmente, este livro contém dois úteis apêndices, que analisam dois textos bíblicos usados pelos defensores da noção de alma imortal. No primeiro apêndice é interpretada a famosa parábola de Jesus sobre Lázaro e o rico (Lucas 16:19-31). No segundo apêndice é esclarecido o real significado da promessa feita por Cristo ao ladrão na cruz (Lucas 23:42 e 43). Embora seja um livro pequeno, de apenas 120 páginas, esta obra merece ser lida e estudada por todos os interessados na questão da morte e da imortalidade humanas. Os leitores deste pequeno livro ficarão, certamente, bem preparados para dar a razão da sua fé no que toca à escatologia individual e estarão também ao abrigo dos enganos dos últimos dias provenientes de doutrinas espiritualistas, sejam elas de que tipo forem. A utilidade desta obra faz com que seja uma excelente aquisição para a biblioteca privada de qualquer crente empenhado em compreender a doutrina Adventista sobre o estado do Homem na morte. ✨

Paulo Lima, Redator da Revista Adventista

Um déspota infinito ou um Deus amorável?

Auschwitz, Dachau, Buchenwald: símbolos horroresos gravados na memória coletiva. O que recordam eles? A “Solução final” de Adolf Hitler, que procurou resolver o que ele chamou “o problema judeu”. Campos de extermínio para milhões de pessoas. Símbolos de um mundo perdido. A história destes campos, somada ao uso prolongado da tortura, representa o clímax da crueldade humana aplicada aos membros da sua própria espécie.

O melhor que aconteceu às vítimas desta terrível situação foi a morte. Por mais que os regimes totalitários de meados do século XX tenham desenvolvido estratégias “científicas” que permitiram manter com vida, durante o maior tempo possível, as pessoas torturadas nos interrogatórios, para extrair-lhes toda a informação possível, os corpos das vítimas finalmente renderam-se e elas deixaram de existir.

Uma tortura sem fim

Muitos Cristãos têm uma visão de Deus que O faz muito mais diabólico do que foram estas forças totalitárias. A doutrina tradicional do inferno sustenta esta perspectiva. Ao lerem textos da Bíblia que falam do “lago de fogo” (Apocalipse 20:14), do “castigo eterno” (Mateus 25:46), do “fogo que nunca se apagará” (Mateus 3:12), do “fogo eterno” (Mateus 25:41) e do “juízo

eterno” (Marcos 3:39), muitos concluíram que os ímpios arderão no inferno por séculos sem fim.

Um livro de histórias para crianças do século XIX ilustra vividamente essa ideia. Além de apresentar várias histórias de crianças vítimas de diversas formas do fogo eterno, procura ilustrar quão terrível seria viver assim pela eternidade. “Queridas crianças, se forem para o inferno, um diabo estará ao vosso lado para açoitá-los. E ele continuará a açoitá-los pelos séculos dos séculos, sem parar.” O autor continua a sua descrição afirmando que o primeiro golpe produzirá chagas piores do que as de Job; o segundo duplicará a aflição, e assim sucessivamente. “Como ficará então o vosso corpo, depois de o diabo o ter açoitado durante cem milhões de anos, sem jamais se deter?”

Há pregadores que usaram variações desta descrição durante

séculos. É claro que a visão tradicional do inferno apresenta óbvios inconvenientes. Todos sabemos que, num fogo real, os corpos reais são consumidos. Santo Agostinho, o pensador mais influente da Igreja Católica durante mais de mil anos, respondeu a este dilema assegurando aos seus leitores que Deus empregaria o Seu poder milagroso para que os pecadores continuassem vivos e conscientes durante os seus intermináveis tormentos.

Como é de se esperar, este imaginário tão cruel não tem sido popular nos últimos cem anos. O influente teólogo católico Hans Küng evidenciou a impopularidade do tema quando perguntou: “Que pensaríamos de um ser humano que matasse a sua sede de vingança de forma tão implacável e insaciável?” Na mesma passagem ele faz notar que “a ideia do castigo da alma e do corpo, não apenas durante uma vida, mas eternamente, é para muitos absolutamente monstruosa”.

O teólogo protestante britânico John Wenham concorda: “Creio” – escreve ele – “que o tormento eterno é uma doutrina horrorosa e sem base bíblica, que tem sido um terrível peso na mente da Igreja durante séculos e uma terrível mancha na sua apresentação do Evangelho”.

A Bíblia e o inferno

A boa-nova é que a Bíblia apresenta a sorte eterna dos ímpios como sendo a morte e não o sofrimento eterno. Lemos em Romanos: “Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 6:23). Como é que algumas pessoas podem ler esta passagem tão clara e interpretar o futuro castigo dos ímpios como sendo o sofrimento consciente interminável?

E esta passagem não é a única. Apocalipse 20:9 diz-nos que o fogo que Deus envia para purificar a Terra “consume” os ímpios. O Salmo 37:20 diz que eles “perecerão”. E Paulo acrescenta que “o seu destino é a destruição” (Filipenses 3:19). Malaquias também afirma que eles serão consumidos (Malaquias 4:1).

Jesus apresenta a mesma imagem. Diz-nos que os ímpios serão consumidos do mesmo modo que os detritos que se lançam no fogo (Mateus 13:40, 42, 49, 50) e que tanto a sua alma como o seu corpo serão destruídos no inferno (Mateus 10:28). No Apocalipse, esta destruição final dos ímpios é denominada a “segunda morte” (Apocalipse 21:8).

Mas, pode você pensar, se a Bíblia é tão clara sobre o tema, porque é que tantos Cristãos estão tão confusos? Em parte, isso deve-se à grande mentira de Satanás no Éden. Deus disse a Adão e Eva que, se pecassem, morreriam. O diabo contradisse Deus, dizendo-lhes que não morreriam, dando assim a entender que os pecadores viveriam para sempre (Gênesis 2:17; 3:4).

Uma vez que Satanás desviou uma grande parte da raça humana quanto ao tema do estado futuro dos ímpios, conseguiu que se passasse por alto textos como os de I Timóteo 6:16, que expressa clara-

Se a Bíblia é tão clara
quanto ao tema
do inferno,
porque há tantas
pessoas tão confusas?



mente que só Deus é imortal, e II Timóteo 1:10 e I Coríntios 15:50-54, que ensinam, respetivamente, que os seres humanos adquirem a imortalidade ao aceitar Jesus e que o dom da imortalidade não é dado, nem sequer aos Cristãos, senão na altura da Segunda Vinda de Cristo.

Como os ímpios não aceitam Jesus, jamais receberão a imortalidade. Portanto, estão sujeitos à morte; não podem viver para sempre.

Outra interpretação do “para sempre”

Este último ponto faz com que surja outra pergunta. O que quer dizer a Bíblia quando afirma que os ímpios sofrerão “condenação eterna”, “fogo eterno” e “castigo eterno” num fogo que não se apagará?

Em primeiro lugar, devemos fazer notar que, na Bíblia, “eterno” se refere aos resultados eternos, não a um processo sem fim. Em Judas 7 diz-se que Sodoma e Gomorra sofreram a vingança do “fogo eter-

no”. Mas este não continua a arder hoje. As duas cidades foram completamente destruídas pelo fogo. De igual modo, “para sempre” também é um termo limitado. No Antigo Testamento, um escravo podia servir o seu senhor “para sempre” (Êxodo 21:6), o que obviamente significava “até à morte”.

Não nos deve espantar que o fogo destruidor se denomine “a segunda morte” (Apocalipse 21:8). Deus não é um Hitler infinito. Pelo contrário, movido pelo Seu amor, Ele faz o melhor possível numa situação terrível. Permite que os ímpios descansem na morte eterna.

Não obstante, esta é apenas metade da história. A melhor parte, graças a termos um Deus de amor, é que, ainda que “o salário do pecado é a morte, [...] o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 6:23).✝

• **George R. Knight**
Professor Universitário

O evangelho no santuário israelita

QUADRO MINIATURIZADO DO GRANDE CONFLITO ENTRE O BEM E O MAL

Construído de acordo com o modelo original celestial (Êxo. 25:9, 40), o santuário israelita, com as suas medidas, os seus móveis e os seus ritos, contém importantes lições sobre o plano da salvação e sobre a vida prática do povo de Deus. Erigido para realizar a reconciliação com Deus, o tabernáculo revelava o caráter amorável do grande Deus que condescendeu em habitar com o Seu povo e ensinava aos israelitas que a solução divina para restaurar o relacionamento interrompido entre Deus e o homem era o sacrifício e a mediação. O serviço do santuário também revelava a natureza do pecado (definida pelos Dez Mandamentos depositados na arca do concerto, no lugar santíssimo) e inculcava nos adoradores a necessidade de um redentor.

Estrutura física – Do ponto de vista da estrutura física, o tabernáculo era uma construção retangular de trinta côvados de comprimento por dez de largura e dez de altura, protegido por um pátio de cem côvados por cinquenta. O sistema completo consistia em três zonas de santidade gradativa: o pátio, o lugar santo e o lugar santíssimo. Orientado num eixo longitudinal leste-oeste, o santuário ficava de frente para o nascer do sol. Situado no centro do acampamento israelita, o tabernáculo tinha múltiplas implicações para os sacerdotes e o povo. O privilégio de habitar ao redor do palácio

divino exigia um comportamento condizente com a etiqueta palaciana. Desse modo, uma variedade de instruções sobre impurezas de vários tipos visava adequar o estilo de vida do povo e dos sacerdotes à santidade de Deus, que habitava no meio deles. Como declarou Ellen White: “Foi ordenada uma limpeza escrupulosa, bem como uma ordem estrita, por todo o arraial e arredores. Pôs-se em execução um regulamento sanitário completo. A toda a pessoa que estivesse imunda por qualquer motivo era vedado entrar no acampamento. Tais medidas eram indispensáveis para a conservação da saúde no

meio de uma multidão tão vasta; e também necessário era que se mantivessem uma ordem e uma pureza perfeitas, para que Israel pudesse desfrutar da presença de um Deus santo.”¹

Sobre a disposição do acampamento, os filhos de Israel receberam instruções precisas sobre como se posicionar em relação ao tabernáculo (Núm. 2). Os levitas deveriam acampar no centro, formando um cinturão de proteção ao redor do tabernáculo (Núm. 1:53). Quanto às demais tribos, Judá, Issacar e Zebulon deveriam acampar-se no lado do nascer do sol, em frente do tabernáculo; Rúben, Simeão e Gade, ao sul; Efraim, Manassés e Benjamim, a oeste; e, finalmente, Dã, Aser e Naftali, ao norte. Ao retomarem a jornada, cada tribo devia marchar na sua posição específica (Núm. 2:17). Às famílias dos levitas cabiam o cuidado e o transporte do tabernáculo e da sua mobília (Núm. 1:51; 3:25-27).

O contexto indica que essa configuração evocava uma organização militar. Afinal, tinha sido realizado um censo para determinar o número de homens de vinte anos para cima que podiam sair para a guerra (Núm. 1:3), com a observação de que cada tribo tinha o seu estandarte (Núm. 2:2) e o seu exército (Núm. 2:4-31).



Antigas gravuras egípcias confirmam o propósito militar de uma configuração semelhante, como indica um relevo que retrata o exército do faraó Ramsés II, cuja tenda ficava exatamente no meio do acampamento egípcio, com as tropas distribuídas simetricamente ao redor.²

Assim, as tribos israelitas funcionavam como unidades militares ao redor do quartel-general. Tendo Deus como seu supremo comandante, os israelitas marchavam como um exército em direção à terra prometida. Não era pela experiência de Moisés ou pela capacidade de Aarão, mas pela liderança do próprio Deus que o exército israelita havia de vencer os gigantes e conquistar as cidades fortificadas de Canaã.

Móveis – havia sete móveis no santuário: o altar de bronze, a pia de bronze, o candelabro, a mesa

dos pães da proposição, o altar de incenso, a arca e o propiciatório. A construção destes móveis foi executada de acordo com instruções específicas e precisas quanto às suas dimensões, ao tipo de material e ao seu posicionamento no santuário. No pátio, localizava-se o altar dos holocaustos e a pia de bronze. No altar dos holocaustos, onde eram oferecidos os sacrifícios, o pecador encontrava perdão e reconciliação através do animal que tomava o seu lugar. Esse altar prefigurava o Calvário, onde o próprio Deus assumiu sobre Si a penalidade do pecado. Na pia, situada à entrada do santuário, os sacerdotes deveriam lavar-se antes de ministrar os ritos sagrados. Por meio desse ato aprendiam que Deus exige pureza dos que se aproximam d'Ele para servi-l'O.

No lugar santo havia três móveis: a mesa, o candelabro e o altar de incenso. Sobre a mesa estavam

os pães da proposição, distribuídos em duas fileiras de seis. Esses pães eram renovados a cada Sábado. Eles expressavam o reconhecimento de que todas as provisões e todo o sustento vêm de Deus e apontavam para Jesus como sendo o pão da vida. O candelabro desempenhava a função prática de iluminar o santuário e, possivelmente, simbolizava a onisciente presença de Deus no santuário (ver Zac. 4:1-4). Jesus proclamou ser “a luz do mundo” (João 8:12). O altar de incenso, lugar da intercessão contínua do sacerdote em favor dos pecadores, prefigurava a contínua intercessão de Cristo no santuário celestial (Ap. 8:3 e 4). Na Bíblia, a oração também é comparada ao incenso (Sal. 141:2; Luc. 1:9 e 10).

No lugar santíssimo ficavam os móveis mais importantes do santuário israelita: a arca do concerto com as tábuas da Lei e o propiciatório. Funcionavam como

uma representação do trono de Deus, fundado sobre a justiça e a misericórdia. Esse era o lugar em que o Senhor Se revelava; por isso, representava a presença divina. Nesse lugar centralizava-se “a cerimônia simbólica da expiação e intercessão, que era o elo entre o Céu e a Terra.”³ Ali coexistiam os principais elementos da redenção: Deus, a Lei, o sangue sacrificial aspergido no Dia da Expição e a mediação sacerdotal.

Ministério sacerdotal – O santuário requeria o serviço de pessoal especializado – os sacerdotes. Em contraste com o tempo dos patriarcas, quando a função sacerdotal era exercida pelo chefe de família, o santuário requeria um sacerdócio especializado, nomeado por Deus, para officiar os diversos ritos. Ao ofertante cabia apenas trazer o animal, confessar os seus pecados sobre ele e imolá-lo. A partir daí, todos os outros ritos em favor do pecador eram oficiados pelo sacerdote. Era ele que representava o ofertante diante de Deus e Deus diante do ofertante. Enfatizava-se, assim, a seriedade do pecado e o profundo abismo que separava o ser humano de Deus.

Até mesmo o mais fiel e espiritual dos israelitas não poderia entrar no santuário. Isso só era feito por meio de um mediador e do sangue que esse mediador apresentava como condição a ser satisfeita pelos pecados cometidos. Era o sacerdote que fazia a ponte entre Deus e o pecador, ao exercer o seu ministério tanto dentro do tabernáculo, onde Deus habitava, como no pátio, onde ficavam os pecadores ofertantes. Além disso, o sacerdote identificava-se com o povo, ao levar as duas pedras preciosas sobre os ombros com o nome das doze tribos de Israel. O mesmo se dava com as pedras do peitoral. A



sua identificação com a esfera celestial ocorria ao levar ele sobre a mitra a inscrição “Santidade ao Senhor”. Em determinados sacrifícios, o sacerdote deveria consumir parte da carne do animal sacrificado e, assim, tomar sobre si o pecado do ofertante.

Havia ênfase no preparo pessoal do sacerdote para officiar no santuário. A pia situada à entrada do santuário advertia o oficiante de que Deus não requeria apenas ritos apropriados, mas também um sacerdócio puro para officiar os ritos sagrados. “Os sacerdotes não deveriam entrar no santuário usando calçado. Partículas de pó que a ele se apegavam profanariam o lugar santo. Deviam deixar o calçado no pátio, antes de entrar no santuário e deviam também lavar tanto as mãos como os pés, antes de ministrarem no tabernáculo ou no altar dos holocaustos. Desta maneira ensinava-se constantemente a lição de que toda a contaminação devia ser removida daqueles que se aproximavam da presença de Deus.”⁴

Cabe ainda ressaltar que o ministério sacerdotal no santuário era realizado em duas fases: diariamente e anualmente. No serviço diário, mediante o sangue sacrificial, os pecados do povo eram transferidos para o santuário. Cabia ao ofertante impor as mãos sobre o animal, confessar sobre ele os seus pecados e, logo a seguir,

imolar a vítima sacrificial. O sacerdote recolhia o sangue e realizava os ritos de manipulação de acordo com o tipo de sacrifício oferecido. Finalmente, ao aplicar o sangue no altar de incenso e aspergi-lo diante do lugar santíssimo, o sacerdote transferia os pecados dos ofertantes para o santuário. Esse processo, realizado ao longo do ano, contaminava o tabernáculo com os pecados e as impurezas dos filhos de Israel. Por isso, uma vez por ano, havia uma cerimônia especial para efetuar a purificação do santuário.

No dia dez do sétimo mês do calendário hebreu, era feita a purificação do tabernáculo. Denominado literalmente “Dia das Expições” (*Yom hakkipurim*), o dia dez do sétimo mês era solene e de profunda reflexão para os israelitas (Lev. 16:1-34; 23:26-32). Era o único dia do ano em que se permitia o acesso ao lugar santíssimo. Através de um complexo conjunto de sacrifícios e ritos de manipulação de sangue, o sumo-sacerdote realizava a purificação do santuário. Entre os ritos realizados no Dia da Expição, merece atenção a cerimônia que envolvia dois bodes. De acordo com Levítico 16, tomavam-se dois bodes sem defeito e, mediante sortes, escolhia-se um para o Senhor e outro “para Azazel” (Lev. 16:8).⁵ As expressões “para Azazel” e “para o Senhor” sugerem um contraste ou oposição entre os dois bodes.

O bode “para o Senhor”, tipificando Cristo, era sacrificado e o seu sangue era utilizado nos ritos de purificação do santuário. Concluídos os ritos de manipulação de sangue que removiam os pecados e impurezas do santuário, o sumo-sacerdote impunha as mãos sobre o bode vivo (aquele cuja sorte recaía para Azazel), confessava sobre ele os pecados do povo e o enviava vivo, para ser abandonado no deserto. Deve-se ressaltar que o bode “para Azazel”, um tipo de Satanás, não era sacrificado e, portanto, não efetuava em si mesmo a expiação. Era apenas um meio para a remoção dos pecados do acampamento, os quais tinham sido acumulados ao longo do ano no santuário (Lev. 16:10). Assim, os ritos que diariamente eram oficiados no tabernáculo revelavam e prefiguravam a obra salvífica de um Deus santo e misericordioso que tomava o lugar da criatura, levando sobre Si as culpas e os pecados do Seu povo. Nesta maravilhosa e inexplicável demonstração de graça e de amor divinos, o pecador era perdoado. No Dia da Expição, Deus demonstrava a Sua aversão e o Seu ódio ao pecado, pondo sobre o originador do mal as responsabilidades que lhe eram devidas. Ao enviar o bode “para Azazel” para o deserto, Deus testemunhava ao Seu povo a Sua aversão ao pecado e vindicava o Seu caráter como rei santo e misericordioso.⁶

Reflexões e implicações adicionais – O santuário israelita ensina e ilustra verdades fundamentais do plano da salvação e provê lições sobre o nosso relacionamento com Deus e sobre o serviço que Ele espera de nós. Mostra a importância de planejamento e de organização para executar tarefas ao serviço de Deus, uma vez que não foi construído de forma desorganizada e

desordenada. Tudo foi executado segundo as instruções divinas e de acordo com o modelo mostrado no monte. Instruções específicas foram dadas por Deus a Moisés sobre as dimensões e o posicionamento do santuário, bem como sobre o tamanho e as particularidades dos seus móveis. Deus prima pela qualidade, precisão e ordem, e não aceita atitudes displicentes, nem negligência no Seu serviço.

As exigências ligadas ao preparo pessoal dos sacerdotes e às responsabilidades do povo em virtude da presença divina no santuário contêm implicações para o povo de Deus hoje. Solene responsabilidade repousa sobre os que servem Cristo, ocupando cargos na Sua Igreja. Ser membro da família de Deus é um privilégio que exige um comportamento ético e moral à altura dos ideais divinos.

A organização das doze tribos ao redor do tabernáculo indicava que Deus era o supremo comandante de Israel. Por mais capacitada que seja a liderança humana, a Igreja avança no cumprimento da sua missão sob o senhorio de Jesus Cristo, o Supremo Comandante.

O ministério em duas fases do santuário hebreu prefigurava as duas fases da obra que Jesus realiza nos dois compartimentos do santuário celestial. Desde 22 de outubro de 1844, o nosso Sumo-Sacerdote realiza a obra de purificação do santuário celestial, tipificada no santuário terrestre pelos ritos realizados no Dia da Expição. Com base nos méritos do Seu sangue derramado na cruz, Cristo efetua hoje a obra de purificação do santuário celestial. O bode para Azazel tipificava Satanás, e os ritos realizados com esse bode prefiguravam o tempo em que sobre o enganador vai pesar a responsabilidade pela miséria introduzida na criação de Deus. O abandono do

bode no deserto aponta para a prisão de Satanás durante o milênio e a subsequente destruição eterna do arqui-inimigo de Deus e do Homem no último confronto entre as forças do bem e as legiões do mal.

O serviço do santuário hebreu, portanto, oferece um quadro miniaturizado do grande conflito entre o bem e o mal, prenunciando a vitória de Deus sobre Satanás. Podemos olhar com fé e esperança para o futuro. O Deus de amor e de misericórdia a quem servimos não vai tolerar o pecado para sempre. Satanás e os seus seguidores serão destruídos. A Terra será transformada. A nossa esperança de um mundo melhor será transformada em certeza e os nossos sonhos mais acalentados serão realizados. Como Ellen White expressou de maneira tão sublime: “O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O Universo inteiro está purificado. Uma única palpitação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. D’Aquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor.”⁷

- Elias Brasil de Sousa
Diretor e professor do SALT-IAENE

1. Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997, p. 375.
2. Michael M. Homan, “The Divine Warrior in His Tent: A Military Model for Yahweh’s Tabernacle”, *Bible Review* 16(6), 2004, p. 55.
3. Ellen G. White, *Op. cit.*, p. 348.
4. Ellen G. White, *Op. cit.*, p. 350.
5. A expressão “bode emissário” utilizada em algumas versões (ARA e ARC) para traduzir o termo hebraico “Azazel” não faz justiça ao evidente contraste e oposição entre os dois bodes. É interessante notar que a tradição judaica identifica Azazel como a fonte demoníaca do mal (1 Enoque 9:6; 10:4 e 5).
6. Roy Gane. *The NIV Application Commentary: Leviticus, Numbers*, Grand Rapids: Zondervan, 2004, pp. 288-297.
7. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1990, p. 678.



A m5t3mát1c5 de Deus



No último artigo discutimos o significado espiritual que podemos encontrar no uso que a Bíblia faz dos números Vinte e Dois a Trinta e Nove. Este mês vamos continuar a nossa contagem e entramos no segmento dos Quarentas.

Quarenta

O número Quarenta é um dos mais utilizados (146 vezes¹) e é também um dos mais destacados na Bíblia. Vários reis de Israel, incluindo alguns dos reis mais importantes, tiveram reinados de exatamente quarenta anos. São exemplos disso os reis Saul, David e Salomão (Atos 13:21; II Samuel 5:4; I Reis 11:42). Também juízes de Israel, como Otniel, Baraque e Gideão, governaram o povo por quarenta anos (Juízes 3:11; 5:31; 8:28). O mesmo sucedeu com o sacerdote Eli, que exerceu o seu cargo exatamente durante quarenta anos (I Samuel 4:18).

Em muitos casos, um período de quarenta anos ou de quarenta dias encontra-se, na Bíblia, associado a um tempo de provação. Eis alguns exemplos de períodos de provação de quarenta anos:

- A jornada do povo de Israel, pelo deserto, a caminho da terra prometida (Deuteronómio 8:2-5; Salmo 95:10; Atos 13:18).
- O povo de Israel sofreu durante quarenta anos sob o jugo dos Filisteus (Juízes 13:1).
- Moisés tinha quarenta anos quando decidiu intervir em favor do povo de Deus (Atos 7:23).
- Moisés esperou na terra de Midiã durante quarenta anos, antes que Deus Se revelasse na sarça ardente.

Eis alguns exemplos de períodos de provação de quarenta dias ou de quarenta “dias e noites”:

- O tempo que Moisés esteve no Monte Sinai, para receber as tábuas da Lei (Êxodo 24:18; 32:1). Esse mesmo período serviu de teste para o povo.
- O profeta Elias caminhou durante quarenta dias e quarenta noites, antes de chegar a Horebe (I Reis 19:8).
- Quarenta dias era o prazo determinado por Deus sobre a cidade de Nínive para esta mostrar arrependimento, de

É nossa convicção profunda que a verdadeira Ciência orienta o ser humano para Deus. Ao longo desta série de artigos, pretendemos fornecer elementos que permitam demonstrar as bases para esta convicção. Cada mês vamos explorar uma descoberta ou um avanço científico e verificar o que estes podem significar para a nossa fé.

acordo com a pregação de Jonas (Jonas 3:4).

- Durante quarenta dias deveria o profeta Ezequiel deitar-se “sobre o seu lado esquerdo” (Ezequiel 4:6).
- Jesus foi tentado durante quarenta dias e quarenta noites (Marcos 1:13).
- O Dilúvio durou quarenta dias e quarenta noites (Gênesis 7:4, 12, 17).
- Jesus continuou na Terra por quarenta dias após a Sua ressurreição (Atos 1:3).

Talvez o tema comum de todos estes momentos de provação seja o facto de que Deus nos dá amplo

tempo – em alguns casos quarenta dias, noutros casos quarenta anos – para escolhermos o lado a que nos queremos juntar e para tomarmos a nossa decisão.

Quarenta e Dois

Alguns comentadores² veem o número quarenta simbolicamente como o produto de Cinco – símbolo do homem completo com Deus ou símbolo da Graça³ – multiplicado por Oito – símbolo de um novo começo.⁴ Ou seja, quando a provação é ultrapassada, existe um novo começo.

No número Quarenta e Dois, os mesmos comentadores descobrem uma tensão representada pelo produto de Seis – número que simboliza o homem imperfeito e a oposição do homem ao plano de Deus – multiplicado por Sete – o número que simboliza a perfeição.⁵

Realmente, quando vemos como este número é utilizado, descobrimos exemplos de oposição ou de contraponto entre o Homem e o Espírito de Deus:⁶

Balaão (Números 23:2, 14, 29) ofereceu, juntamente com Balaque, por três vezes, sacrifícios em sete altares, sendo que em cada altar foram sacrificados, de cada vez, dois animais para um total de $7 \times 3 \times 2 = 42$.

A genealogia de Jesus no Evangelho de Mateus possui exatamente quarenta e dois nomes ($3 \times 14 = 42$), terminando com Jesus, o que reforça a Sua natureza divina e humana.

O povo de Israel passou exatamente por quarenta e dois acampamentos (contando o primeiro e o último) na sua jornada de travessia do deserto, a qual foi marcada pelo conflito entre o homem e Deus.

O significado profético de Quarenta e Dois

O número Quarenta e Dois é também proeminente nas profecias, sendo encontrado, por exemplo, em Apocalipse 11:2. Quarenta e dois meses equivalem, em tempo profético (Ezequiel 4:6), por um lado, a três anos e meio (dividindo por Doze) e, por outro lado, a mil duzentos e sessenta dias (multiplicando por Trinta). Voltamos a encontrar este período de quarenta e dois meses proféticos ou três anos e meio ou mil duzentos e sessenta dias/anos em Apocalipse 12:6, representando o período em que “a mulher fugiu para o deserto”. Acreditamos que este período se cumpriu entre o ano 538 e o ano 1798. De facto, em 538, os Ostrogodos desistiram do cerco a Roma, que tinham iniciado cerca de um ano antes. Desta forma, o caminho ficou livre para que o decreto de Justiniano de 534 entrasse em vigor, sendo o poder transferido efetivamente para o Papa, o que consumou uma união política e religiosa na sede papal, em Roma, iniciando um período negro na história dos seguidores da Bíblia. Em 1798,⁷ o General Berthier, sob as ordens de Napoleão, levou cativo o Papa Pio VI para França, efetivamente concluindo esta primeira fase de domínio religioso e político do Papado e terminando, assim, os 1260 anos da profecia. O facto de os eventos profetizados terem ocorrido nestes períodos profé-

uticos é mais uma aplicação do estudo do uso dos números e do seu significado na Bíblia, reforçando a nossa fé. Conforme afirmado por Jesus, as profecias existem, não para prevermos o futuro, mas para que, quando os eventos proféticos ocorrerem, saibamos reconhecer o que aconteceu e possamos reforçar a nossa fé na Palavra de Deus (João 13:19).

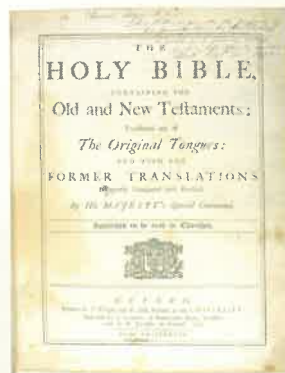
Quarenta e Seis e Quarenta e Sete

William Shakespeare é mundialmente famoso e é reconhecido por muitos como o mais importante escritor de língua inglesa. Um autor intitulou a sua biografia de Shakespeare “A Invenção do Humano”,⁸ procurando transmitir a importância que atribui a este mestre da literatura.

Muitas pessoas têm especulado acerca de uma eventual contribuição de Shakespeare para o maior projeto intelectual e literário do seu tempo: A tradução da Bíblia para o Inglês, que ficou conhecida

como a *King James Bible*. Mas Shakespeare não é mencionado na lista de tradutores e não há evidências decisivas acerca da sua participação. No entanto, há um facto intrigante que alimenta o debate:⁹ Shakespeare nasceu em

1564 e morreu em 1616. A versão *King James* começou a ser preparada em 1610, ano que coincidiu com o auge da carreira de Shakespeare.





Se considerarmos o bem conhecido Salmo 46 na versão da Bíblia King James e contarmos as palavras a partir do início do Salmo, vamos descobrir a palavra “shake”. Por outro lado, se contarmos 46 palavras a partir do final em direção ao início, vamos descobrir a palavra “spear”. Formando o nome de Shakespeare. Coincidência?

Como já mencionei em vários artigos, há interpretações para os números que parecem ser autênticas e válidas e que nos maravilham pela sua precisão ou pelo seu significado poderoso. Outras poderão ser apenas coincidências engraçadas.

Conclusão – Quarenta menos Um

Como vimos este mês, o número Quarenta é um dos mais conhecidos e utilizados na Bíblia. Um dos seus significados pode ser encontrado em Deuteronômio 25:3, em que é dito que quarenta é o limite máximo de açoites permitido como castigo corporal em Israel.

Acontece que os Judeus eram extremamente zelosos no seu legalismo, não querendo desrespeitar qualquer aspecto da Lei, e, por isso, a tradição informa-nos de que, em lugar de quarenta açoites, na prática eram aplicados apenas trinta e nove, não fosse acontecer algum erro na contagem e inadvertida-

mente ultrapassar-se o limite imposto pela Lei. Por isso, Paulo afirma em II Coríntios 11:24 que “cinco vezes recebi dos judeus *uma quarentena de açoites menos um*”, ou seja, os trinta e nove açoites. Jesus também foi açoitado (Marcos 15:15), mas desta vez pelos Romanos. O instrumento utilizado pelos Romanos era bem mais severo do que um simples chicote. Segundo descrições da época, ele era composto por três cordas de couro e em cada corda eram colocados pedaços de osso e, por vezes, até de metal, de forma a infligir o máximo sofrimento em cada golpe. Pensa-se que era um dos instrumentos utilizados que mais sofrimento causaria nas suas vítimas. Acredita-se que dificilmente alguém poderia suportar os famosos quarenta açoites menos um aplicados pelo instrumento Romano. Pensa-se que Jesus poderia ter recebido no máximo treze açoites.

Notem quão terrível deveria ter sido o sofrimento de Jesus, ao ponto de Ellen White afirmar que “Pilatos pensou que as marcas dos açoites nas costas do Salvador iriam tocar os sentimentos do povo.¹⁰” Tal foi o sofrimento físico do nosso Salvador por nós. Temos razões para



acreditar que o sofrimento espiritual terá sido ainda maior.

Realmente, não sabemos qual o chicote utilizado ou a quantidade de açoites infligidos, mas, ao pensarmos neste tema, o texto de Isaías 53:5 ganha uma força especial: “Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e *pelas suas pisaduras fomos sarados*.” Que, na vida de cada um, o Seu sacrifício não tenha sido em vão. †

• Miguel Mateus

Engenheiro em Eletrotécnica –
Telecomunicações e Eletrônica
Mestre em Investigação Operacional
Grau de MBA – Master in Business
and Administration

1. F. Vallowe, *Biblical Mathematics*, 1998, p. 173.
2. *Ibidem*.
3. Ver Miguel Mateus, “A matemática de Deus – 3ª parte”, *Revista Adventista*, maio de 2013.
4. Ver Miguel Mateus, “A matemática de Deus – 4ª parte”, *Revista Adventista*, julho de 2013.
5. *Idem*.
6. http://www.agapebiblestudy.com/numbers/numbers_lesson_13_handouts.pdf.
7. http://en.wikipedia.org/wiki/Louis-Alexandre_Berthier
8. Harold Bloom, *The Invention of the Human*, Harper Collins, 2008.
9. <http://www.cbn.com/spirituallife/churchandministry/churchhistory/KJV-Hensley-Shakespeare-KJV.aspx>.
10. *Signs of the Times*, 31 de janeiro, 1900.

A comunicação na família

É difícil aceitar que estejamos na era das comunicações e, ao mesmo tempo, nos deparemos com os problemas de incomunicabilidade com que nos estamos a debater no seio da família. Possivelmente isto está a acontecer porque a maior parte de nós pode estar confusa, não percebendo a grande diferença que existe entre a mera transmissão de conceitos e de informações e a verdadeira comunicação.

Os meios de comunicação social anseiam por nos fazer acreditar e por nos convencer de que nos estão a facilitar a comunicação, ao pôr à nossa disposição o grande volume de informação com que nos bombardeiam. Mas, apesar do seu nome, aqueles meios de “comunicação” são mais transmissores de informação do que verdadeiros órgãos de comunica-

ção. Também no caso da *Internet* e das suas redes sociais, é frequente dizer-se que as pessoas estão “ligadas” e a comunicar entre si. Virtualmente até poderão estar, mas, em abono da verdade, não podemos dizer que existe verdadeira comunicação quando se trata de se estabelecer um contacto através de um teclado ou, mesmo, de uma vídeo-conversação. Falta o

contacto físico e a identificação da comunicação não-verbal (através de gestos, posições, etc.), que são essenciais para uma verdadeira comunicação. Por isso mesmo, este tipo de “comunicação” é, quando muito, comunicação incompleta.

Temos de reconhecer que as famílias dos nossos dias estarão mais informadas do que as famílias das gerações que as antecederam. Mas isto não significa, necessariamente, que comuniquem melhor. Pelo contrário, vemos que a maior causa de divórcio nos nossos dias, segundo um inquérito do INE de 2010,¹ é, precisamente, a falta de comunicação entre o casal. É bem possível que a tradição e os costumes, bem como as convenções sociais, tenham feito com que este problema não se tenha manifestado desta forma em



relação às gerações precedentes. E, muito provavelmente, foi o que aconteceu, porque a dificuldade de comunicação na família é um problema tão velho como o próprio ser humano.

Partindo de uma base Criacionista, no livro das origens, Génesis, no capítulo 3, encontramos o relato da queda do Homem. Nesse relato, podemos já constatar alguns dos problemas de falta de comunicação, muito semelhantes aos que continuam a persistir nos nossos dias nas famílias e, particularmente, no seio dos casais. Naquele relato inspirado, vemos a serpente comunicar à mulher uma informação distorcida e parcialmente falsa. Essa informação corrompida e falseada será transmitida pela mulher ao seu esposo, provocando um efeito de desinformação. Logo a seguir, o casal toma a decisão de cortar a sua comunicação com Deus. Deus quer falar com o casal edénico, mas este não se encontra disponível para O ou-

vir. Ouvem a voz de Deus soar pelo Jardim, quando Ele vem ao seu encontro como habitualmente, mas não estão dispostos a escutar ou a ter um momento de conversação com Ele. Finalmente, Deus consegue que se restabeleça a comunicação, mas esta não vai ser tão límpida, nem tão verdadeira, como tinha sido anteriormente.

É então que as coisas começam a deteriorar-se também entre o casal. Dá-se o que poderíamos designar como um momento de tensão, diremos mesmo de crise, em que Adão verbaliza, de forma indireta, o facto de ter sido a mulher que o colocara naquela situação difícil. Ele projeta a sua responsabilidade sobre a mulher e insinua que, afinal, tinha sido enganado por Deus, uma vez que aquela que deveria ser, segundo Deus, uma ajudadora para ele, realmente não o foi.

Um casal que tinha tudo para ser feliz, num casamento que tinha tudo para dar certo, acaba por deitar tudo a perder, devido

às dificuldades que criaram. Dificuldades que surgiram quer por desinformação, ao darem ouvidos a informações parciais e tendenciosas transmitidas pela serpente, quer por dificuldades criadas pelos próprios na sua comunicação com Deus e entre eles.

A unidade que Deus tanto ansiava que existisse entre homem e mulher, através de uma perfeita comunicação (a qual tinha por objetivo a transformação destes dois seres independentes num só, através do casamento), acabou por ser manchada. E tudo isto apesar de se encontrarem num ambiente perfeito, livre de pecado. Isto pode ajudar-nos a compreender que não é, unicamente, a nossa condição de pecadores que pode condicionar a comunicação nos dias de hoje. É, sim, a falha em ouvir, descodificar e procurar compreender de forma adequada a mensagem do outro, bem como a falha em ouvir Deus, que Se comunica, Se revela e Se manifesta para ajudar as famílias



e os indivíduos que as compõem.

É por essa razão que entendemos que só a falha em procurar compreender o outro, ouvi-lo e, ao mesmo tempo, ouvir o Deus comunicador, pode levar às situações de conflito que verificamos existirem entre seres que, à partida, se amam reciprocamente.

Na verdadeira comunicação não há um que seja superior ao outro, um que informa e outro que ouve. Há sim um que fala e outro que escuta. Um que está disposto a partilhar os seus êxitos e os seus fracassos através da verbalização, sem medo, sem reprimir o que sente e o que pensa, enquanto o outro participa e partilha igualmente, à medida que escuta; quer seja através do estabelecimento de contacto olhos nos olhos, quer seja através de um toque, de um sorriso ou de uma expressão de pesar.

Como diz Watzlawick,² o homem é em si mesmo um ser interativo, tendo em si o desejo de comunicar-se e de que comuniquem com ele. O ser humano leva, em si mesmo, a marca de um Deus comunicador. Ao ser criado à imagem e semelhança de Deus, o mesmo espírito comunicador de Deus foi comunicado ao Homem e permanece nele.

No apoio que tenho prestado a casais com dificuldades, deteto, com alguma frequência, a mesma queixa. Segundo eles, é particularmente difícil, por vezes até impossível, chegarem a conhecer perfeitamente o seu cônjuge. Dizem que ele se comporta de uma maneira imprevisível, errática, incoerente, descontínua e até insensata. É bom que não esqueçamos que compreensão não significa conhecimento, pois só há verdadeira compreensão quando existe verdadeira comunicação, isto é, quando um emite e o outro descodifica, ou seja, recebe em perfeitas

condições de sintonia. Quando Deus tentou comunicar com Adão e Eva, não o pôde fazer porque estes se esconderam, fechando-se em si mesmos. Só voltou a haver comunicação quando eles responderam a Deus, sintonizando-se novamente com o seu Soberano Senhor, Doador da vida e de todas as coisas.

Se tudo isto foi difícil para Adão e Eva, que não tinham sobre si o peso de seis mil anos de pecado, como é que não requererá muito mais do poder de Deus e da Sua intervenção na nossa vida nos dias de hoje? A comunicação é toda uma “arte” que devemos deixar que Deus desenvolva nas nossas famílias e nos nossos relacionamentos, começando por nós, individualmente. Assim como nas artes é importante saber distinguir entre o amarelo e o laranja, entre um si bemol e um dó, também é importante que aprendamos a distinguir a diferença entre informar e comunicar, entre aquilo que é importante numa comunicação e aquilo que é circunstancial, e fazer esta distinção a partir de uma perspectiva Cristã.

Tal aprendizagem requer sabedoria vinda do Alto. Requer, igualmente, uma perspectiva simpática, empática e tolerante, que se interligue com o outro, o compreenda e o respeite verdadeiramente. Numa palavra, é necessário *Amor*. Não basta unicamente conhecer o outro, porque, para que dois seres humanos se possam sentir verdadeiramente integrados, como Deus quis que eles fossem no princípio, para que esses dois seres não se sintam despersonalizados, há que amar, amar e amar.

Nessa experiência da vida, o casal e cada membro da família pode descobrir que o verdadeiro amor é comunicação e que comunicar verdadeiramente é amar. Por isso

Procure identificar corretamente as falhas de comunicação na sua família, com a ajuda de Deus, tendo em conta o exemplo de Jesus.

mesmo, o amor nunca pode ser conflituoso, pois não se limita a receber informação codificada, que a maior parte das vezes é geradora de conflito por desinformação. Quando o comunicador, movido pelo amor, recebe a informação (respeitando a personalidade do outro), ele sabe descodificá-la e procura identificá-la perfeitamente, sem falsas leituras, nem preconceitos. Ele faz isto seja a comunicação transmitida de forma verbal, de forma não-verbal, ou de ambas as formas, tendo como propósito comunicar e comunicar-se, mantendo-se sempre em sintonia com aqueles que fazem parte da sua vida e a quem ama. É por isso que o apóstolo Paulo diz que esse Amor “tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta... nunca falha” (I Coríntios 13:7 e 8).

Não permita que existam falhas de comunicação que tenham origem em si e procure identificar corretamente as falhas de comunicação na sua família, com a ajuda de Deus, tendo em conta o exemplo de Jesus. Pois Jesus, sendo o Senhor do Universo, desceu até nós por amor, a fim de restabelecer a comunicação interrompida desde o Éden entre o ser humano e Deus. ✨

· Daniel Vicente

Departamental de Mordomia da UPASD

1. Citado pelo Jornal *O Público* em 20/6/2012.

2. Watzlawick, Beavin, e Jackson, *Teoria de la Comunicación Humana*, Barcelona: Helder, 1981.



O Grupo Aliança em Santa Cruz, Torres Vedras

■ José Carlos Moura, Relações Públicas do Aliança

Ao longo dos últimos 23 anos, o Grupo Aliança tem realizado a sua atividade por excelência no mês de agosto. Este ano voltou a suceder o mesmo, desta feita por terras de Santa Cruz, em Torres Vedras. Durante o ano de 2013, o Grupo esteve com a Igreja local desde abril até dezembro, data da realização do Concerto de Natal. Foi, e continua a ser, uma excelente experiência, quer para os 32 elementos do Aliança que participaram nas diferentes atividades, quer para a Igreja local. Os testemunhos que foram partilhando connosco e os que se encontram no fim desta notícia são a demonstração disso mesmo.

A atividade teve início com o Departamento de Saúde e Bem-estar, que realizou uma ExpoSaúde para adultos, nos dias 25 e 26 de agosto. O grupo, com o apoio de alguns enfermeiros convidados para o efeito, realizou cento e cinco rastreios. Os rastreados, no final do percurso, identificaram o número de bons hábitos de saúde que possuíam no momento, a sua idade biológica (de acordo com os seus hábitos de saúde), a sua idade potencial (caso praticassem os sete bons hábitos de saúde) e os anos adicionais de esperança de vida que teriam caso praticassem os sete bons hábitos de saúde.

Durante os rastreios, foi solicitado aos participantes uma inscrição, sem compromisso, num dos seminários a realizar posteriormente. Como resultado, temos 49 pessoas inscritas no Seminário de Nutrição e Cozinha Saudável; 48 no Seminário sobre Controlo e Gestão do Stresse; 35 no Seminário sobre Relações Familiares e 46 pessoas no Seminário Força para Viver.

As atividades da Oficina da Criança, destinadas às crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 10 anos, foram realizadas entre os dias 27 e 29 de agosto. Tivemos quatro grupos de participantes. As atividades, que incluíram 12 ateliês, procuraram adequar-se às diferentes faixas etárias. Tivemos um total de 87 crianças, perfazendo 121 presenças, já que várias crianças estiveram presentes mais do que um dia.

De 29 a 31 de agosto foram realizados três concertos. Os dois primeiros foram concertos musicais. No terceiro apresentámos, como é hábito, o drama Jesus, Menino, Homem e Rei. Cerca de cinco centenas de pessoas puderam apreciar músicas, mímicas e representação, onde a esperança, a partilha, o amor, as escolhas que temos que fazer no dia a dia e a alegria pela vida com Cristo foram temas presentes.

Nos referidos concertos contámos com tradução em Língua Gestual, realizada por um elemento do grupo com formação especializada e, em alguns momentos, por outros dois elementos.

As crianças presentes nos concertos foram presenteadas com algumas lembranças, como revistas *Nosso Amiguinho*, *Zona Y* e bonés Aliança, em papel. As crianças que participaram na Oficina da Criança receberam, no segundo concerto, um diploma de participação. Aos presentes no último concerto foi oferecido o livro *Um Tempo para Si*.

Agradecemos à administração da UPASD e ao seu Departamento de Evangelismo todo o apoio concedido, agradecemos também à Associação Recreativa, Cultural e Desportiva da Praia de

Santa Cruz pelo seu apoio, à Publicadora SerVir, pelas centenas de revistas oferecidas, à Física Beach Hostel, de Santa Cruz, pelo apoio concedido no que diz respeito ao alojamento. Agradecemos à Associação Recreativa, Cultural e Desportiva de Silveira, pela cedência de 100 cadeiras para os concertos, à Igreja Adventista do Sétimo Dia de Torres Vedras, por todo o apoio prestado, não só durante a atividade, mas desde abril de 2013, nomeadamente, nos bons almoços que nos proporcionou. A disponibilidade, o espírito de ajuda e o carinho que demonstraram foram gratificantes para todo o Grupo e contribuíram, decisivamente, para o sucesso da atividade, permitindo alcançar e superar os objetivos traçados inicialmente.

Para finalizar, deixamos aqui o testemunho de três irmãs da Igreja de Torres Vedras. “O que mais me sensibilizou na grande atividade de verão do Aliança foi a forma amável e simpática como os seus membros tratavam todas as pessoas a quem se dirigiam, revelando um espírito verdadeiramente cristão. Foi espetacular ver que, em cada dia dos concertos, mais e mais pessoas vinham assistir e que algumas expressavam um grande 'bravo!'. A nível pessoal, agradeço a todo o grupo o carinho que me dispensaram. Foi espiritualmente motivador.” – Dina Isabel. “O que mais me sensibilizou neste grupo foi a sua vivência, quer na parte espiritual, quer na partilha livre de qualquer interesse. A minha espiritualidade foi revigorada. Muita coisa de bom haveria para dizer, mas por agora só posso expressar um grande 'Bem-hajam!'

– Luísa Duarte. “Foi um enorme prazer servir com o Grupo Aliança na Grande Atividade de verão em Santa Cruz – Torres Vedras, descobrir e viver como um verdadeiro discípulo do Mestre. O privilégio de trabalhar e de desenvolver os dons oferecidos pelo nosso Deus nas diversas atividades e ateliês preparados pelo Aliança foi grande, e foi um prazer ainda maior poder partilhar o Amor do nosso Deus com esta população, que tão bem nos recebeu. Servir o Mestre a cantar, a orar, a trabalhar com as crianças, a partici-



par nos rastreios de saúde ou simplesmente a ouvir a opinião do público sobre o grupo foi um desafio que se mostrou superado. Ficou a vontade de repetir o trabalho desenvolvido na grande atividade de verão, onde quer que o nosso Deus vos enviar” – Cecília Brás.

Aliança em Ação – o verdadeiro desafio de acreditar e de servir com o nosso Mestre. Que “A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria; ensinai-vos e admoestai-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, louvando a Deus com gratidão em vossos corações” (Colossenses 3:16).

Até aqui nos ajudou o Senhor!

12º Encontro de Profissionais de Saúde Adventistas

■ **Daniel Bastos**, Diretor do Departamento de Saúde e Temperança

Teve lugar, de 15 a 17 de novembro, em Mira, o 12º Encontro de Profissionais de Saúde Adventistas. Para este encontro foi convidado o Dr. David DeRose, médico especialista em Medicina Interna e Medicina Preventiva, que trabalha no Weimar Institute (Califórnia, EUA), onde nasceu o programa NEWSTART®. Contámos também com a presença do Dr. Viriato Ferreira (Diretor

do Departamento de Saúde da Divisão Inter-Europeia, à qual pertencemos), do Pr. António Rodrigues (presidente da nossa União), e do Pr. Jorge Duarte (responsável pelo Departamento de Comunicações a nível nacional), que nos vieram desafiar, de variadas maneiras, a desenvolvermos o senso da missão e do serviço pelo exercício dos dons específicos que o Senhor tem concedido a cada um.

Estes encontros são excelentes oportunidades para o convívio e para a partilha entre irmãos que encaram desafios e oportunidades semelhantes na sua vida profissional. Por outro lado, eles também desenvolvem sonhos e, neste ano em particular, o apelo era: “Levanta-te e Resplandece!” (Isaías 60:1). No meio da dor e do sofrimento que existem por toda a parte, o profissional de saúde adventista é chamado a ser luz no mundo e a refletir o caráter de Cristo. Vários foram os temas apresentados e debatidos, dentro da perspectiva da distintiva mensagem de saúde dos Adventistas do Sétimo Dia. Abordou-se a influência do estilo de vida Adventista sobre a hipertensão, a diabetes, a saúde mental e as desordens gastrointestinais. Também foi debatida a vantagem do jejum e a inovadora e curiosa ciência da hemorreologia.

Foi muito interessante constatar como as pesquisas na área da saúde comprovam repetidamente o que o nosso Bom Deus comunicou pela Sua serva, a nossa irmã Ellen White. Na verdade, são muitos os fatores que determinam a doença, não bastando apenas lidar com alguns sintomas. Pelo contrário, é preciso ir até à raiz do problema, alinhando todo o estilo de vida pela Palavra revelada.

Aos presentes – quarenta e cinco profissionais de saúde, dez estudantes universitários da área de saúde e cerca de vinte e cinco acompanhantes – foi feito o desafio para o desempenho de uma parte mais ativa na obra médico-missionária no nosso país. Creio que também o Espírito Santo nos quis inspirar nessa direção e oro para que a influência deste encontro permaneça e se amplie, de modo a que o precioso fruto, a Seu tempo, seja visível!



Métodos simples de dar estudos bíblicos

■ **Luís Carlos Fonseca**, Pastor da IASD de Albufeira

Na igreja Adventista do Sétimo Dia de Albufeira teve lugar uma iniciativa da Região Eclesiástica do Alentejo e Algarve. A formação “Como dar estudos bíblicos” realizou-se nos dias 15 e 16 de novembro e contou com a participação de representantes das igrejas do Algarve. Em quatro aulas foram abordados os seguintes temas: (1) A missão sublime do instrutor bíblico; (2) Como conseguir interessados para estudar a Bíblia; (3) O estudo bíblico; e (4) A arte de dar estudos bíblicos. Os participantes, além de serem formados, foram desafiados a encontrar novos interessados, para com eles estuda-

rem a Bíblia. As aulas foram ministradas pelos pastores Alessandro Brachmann e Luís Fonseca. Participaram nesta formação vinte e uma pessoas. Este tipo de iniciativas deve ser repetido, para que mais crentes possam utilizar este método simples e eficaz de evangelização. Louvado seja Deus pela oportunidade que todos tiveram de desenvolver os dons concedidos pelo Espírito Santo para a disseminação do evangelho.



Batismos em Ponta Delgada

■ **Paulo Quarta**, Ancião da IASD de Ponta Delgada

No Sábado, 27 de julho de 2013, a igreja de Ponta Delgada teve o privilégio de ver descer às águas batismais dois jovens: o Tiago Freitas e a Nádia Oliveira. O pastor Paulo Neves foi o oficiante desta cerimónia, deixando palavras de ânimo e de confiança no Criador não só aos candidatos, mas também a toda a igreja. A igreja de Ponta Delgada viveu dias de ale-

gria, porque o Tiago e a Nádia, através da sua entrega, mostraram que é um privilégio e uma satisfação viver nos caminhos do Senhor. Ao contrário da maioria dos jovens da sua geração, que estão à procura das luzes deste mundo, o Tiago e a Nádia mostraram, pelo seu compromisso, que a verdadeira luz é Jesus. Desejamos aos dois as maiores bênçãos do Céu.



Ecumenismo

Unindo as Igrejas

Numa oração fervorosa pronunciada antes da Sua agonia na cruz, Jesus pediu ao Seu Pai que houvesse unidade entre os membros da Igreja que seria fundada após a Sua morte. “E não rogo somente por estes, mas, também, por aqueles que, pela sua palavra, hão de crer em mim; *para que todos sejam um*, como tu, ó Pai, o és em mim e eu em ti; que também eles sejam um, em nós” (João 17:20 e 21, itálico acrescentado).

Embora tivesse sido uma oração fervorosa, mesmo o olhar mais superficial sobre a História revela que, seja qual for o adjetivo que se pretenda usar para descrever a Igreja, o adjetivo “unida” não seria certamente o mais apropriado. Embora, ao menos, já não se matem uns aos outros, como foi o caso no passado, os Cristãos estão longe de ser o corpo unificado sobre o qual orou Jesus. Uma lista contendo centenas de denominações Cristãs testifica, de modo mais do que suficiente, do estado fragmentado em que permanece a Igreja Cristã passados quase dois mil anos sobre a oração de Jesus pedindo que os Seus seguidores fossem “um em nós”.

No entanto, durante as últimas décadas, certas tendências poderosas surgiram no Cristianismo procurando reverter as suas fraturas e realizar a oração de Jesus sobre a unidade dos Cristãos. Dando origem ao “Movimento Ecuménico”, estas tentativas de alcançar a união têm procedido de diversos setores e alcançaram

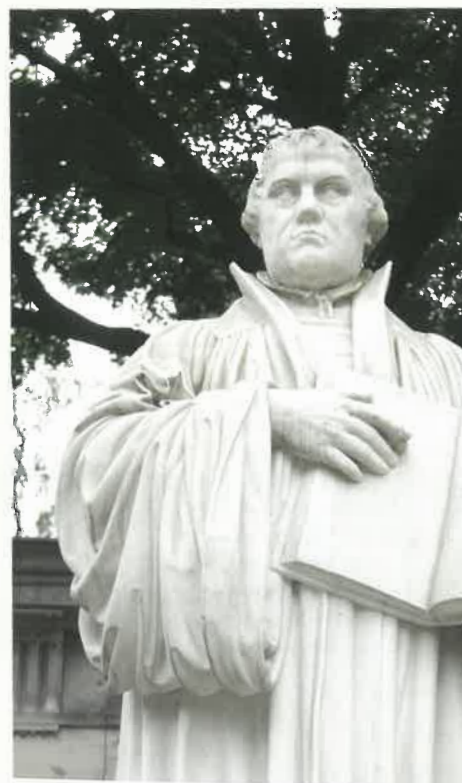
diversos níveis de sucesso. Talvez, de todos os movimentos em direção à unidade, nenhum tenha sido mais dramático – e surpreendente – do que aquele que tem vindo a ter lugar entre Católicos Romanos e certos Protestantes, nomeadamente os Luteranos. Católicos e Luteranos assinaram algumas declarações de professa unidade bastante surpreendentes, algo que, há apenas trinta anos, seria considerado totalmente impossível de ocorrer.

Como devemos interpretar estas tendências? Deveriam todos os Cristãos estar zelosamente envolvidos neste movimento em direção à unidade, ajudando a realizar a oração do seu Senhor? Poderiam estes movimentos, especialmente entre Católicos Romanos e Protestantes, ser, de facto, a resposta à oração de Cristo? Ou, pelo contrário, poderia estar a acontecer algo que deveria deixar os Cristãos um pouco mais atentos? Como deveríamos nós perspetivar estes acontecimentos?

É o movimento ecuménico o que Jesus pretendia quando orou pedindo que houvesse unidade entre os Seus seguidores?

Os primeiros tempos

É difícil, para as pessoas de hoje, entenderem a animosidade que envenenou as relações entre Católicos e Protestantes desde o início da Reforma, no começo do século XVI. A retórica ácida dos Protestantes contra os Católicos, e vice-versa, era o tipo de discurso que as pessoas de hoje esperam que exista entre nações em guerra, não entre professos Cristãos. No entanto, o discurso nada era quando comparado com a violência exercida, tal como na execução do Dr. John Hooper em Inglaterra (1555), que foi queimado vivo na fogueira. *O Livro dos Mártires*, de Fox, descreve os seus últimos momentos no fogo: “Mas quando a sua boca ficou negra e a sua língua



tão inchada que ele já não conseguia falar, ainda assim os seus lábios continuaram a mover-se, até mirrarem a ponto de exporem as gengivas; e ele batia no peito com as suas mãos, até que um dos seus braços se separou do corpo; então continuou a bater no peito com o outro braço, enquanto gordura, água e sangue pingavam da ponta dos seus dedos” (p. 215). Lembre-se de que esta atrocidade foi cometida por professos Cristãos sobre outros professos Cristãos.

É claro que não eram apenas os Protestantes contra os Católicos. À medida que as Igrejas reformadas rompiam com Roma, muitas dividiram-se em várias seitas e denominações que se encontraram posicionadas umas contra as outras. Numa época em que a ideia de liberdade religiosa se encontrava ainda a séculos de distância, estas divisões frequentemente resultaram em violência. Por exemplo, o reformador suíço Ulrich Zwingli, aborrecido com os Anabatistas por estes defenderem o batismo por imersão total e para adultos (em vez do usual batismo de bebés por aspersão), amarrou alguns deles, levou-os para um lago e afogou-os. Convém dizer de novo: esta violência era exercida por Cristãos contra Cristãos.

Com o tempo, os ideais de liberdade religiosa e de tolerância começaram a apoderar-se da mentalidade Ocidental e os Cristãos aprenderam a viver uns com os outros, apesar das divisões teológicas. Este facto, juntamente com a emergência de democracias seculares – que retiraram o poder político às Igrejas (e, assim, a sua capacidade de perseguir) –, criou um novo ambiente, em que os Cristãos passaram a viver lado a lado uns com os outros, mesmo se não estavam realmente a realizar as palavras de Cristo, segundo O



qual “nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:35).

Movimentos ecuménicos

Sem dúvida que muitos estavam horrorizados com estas divisões, pelo que começaram algumas tentativas bem-intencionadas para se alcançar a unidade. Estes esforços começaram no século XIX, com grupos tais como a Aliança Evangélica (1846), a Associação Cristã dos Moços (1844), a Associação Cristã das Moças (1884), a Sociedade do Empenho Cristão (1881) e o Conselho Federal das Igrejas de Cristo (1908).

Este “movimento ecuménico”, como rapidamente foi chamado, floresceu no século XX com o Conselho Mundial das Igrejas, fundado em 1948 por cerca de 147 Igrejas de 44 países. Hoje “o Conselho Mundial das Igrejas é uma fraternidade de Igrejas, presentemente 347, em mais de 120 países de todos os continentes e representantes de todas as tradições Cristãs” (wcc-coe.org/wcc).

Talvez a tendência mais interessante no movimento ecuménico tenha tido lugar nos últimos vinte anos. No início, a maioria das tentativas para se alcançar a unidade dava-se entre as várias denominações protestantes. Mui-

to poucas entre elas pensavam em realizar uma discussão séria com a sua inimiga tradicional, a Igreja Católica Romana, a qual também considerava os Protestantes como apóstatas. Tudo isto se modificou agora, e tem-se verificado uma rajada de diálogos e de discussões ecuménicas entre Roma e as Igrejas Protestantes. Isto levou à publicação de uma encíclica pelo Papa João Paulo II, *Ut Unum Sint* (1995), em que ele reafirmou o compromisso da Igreja Católica Romana com o ecumenismo, afirmando que “juntamente com todos os discípulos de Cristo, a Igreja Católica fundamenta no plano de Deus o seu comprometimento ecuménico para reunir todos os Cristãos de volta à unidade”.

De modo ainda mais surpreendente, foram assinadas declarações de unidade doutrinal entre Católicos e alguns líderes Protestantes conservadores (aqueles que tinham sido, historicamente, mais hostis para com Roma) na década de 1990. O que tornou estas declarações tão inesperadas é o facto de que elas pretendem existir um acordo entre Católicos e Protestantes no tema da justificação apenas pela fé – a doutrina que gerou inicialmente a Reforma Protestante há quase 500 anos. Agora, de modo totalmente es-



pantoso, estes grupos estão a afirmar que há perfeita unidade na questão que inicialmente os tinha dividido!

De todos os movimentos em direção à unidade doutrinal entre Católicos e Protestantes, o mais dramático foi a “Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação”, assinada em 1999 pelos dignitários do Vaticano e da Federação Mundial Luterana (que representa 58 milhões dos 61 milhões de Luteranos que existem no mundo). A declaração afirma que, apesar de “algumas diferenças que permanecem”, os Católicos Romanos e os Luteranos têm a mesma compreensão fundamental da justificação pela fé, e que “as diferenças que permanecem na sua aplicação já não são ocasião para a

condenação doutrinal”. E este documento foi apenas um precursor de um novo documento sobre a “apostolicidade da Igreja” (isto é, a autoridade do Papa).

Assim, poderia parecer que, superficialmente, a oração de Jesus pela unidade – “que também eles sejam um, em nós” – está finalmente a ser atendida.

Preocupações

Ou não está? Certamente todas as pessoas deveriam regozijar-se por as antigas animosidades, que se tornaram tão ásperas, até mesmo violentas, serem postas de lado e por os inimigos se reconciliarem. Mas, ao mesmo tempo, precisamos de ser cautelosos. Porquê?

A História mostra que as Igrejas com poder político têm provado ser tão passíveis de perseguir e oprimir os dissidentes quanto os secularistas, desde que lhes seja dado o mesmo poder. Num certo sentido, a desunião da Igreja ajudou a impedi-la de obter o tipo de poder político que provou ser ruinoso nas suas mãos no passado.

Há mais de dois séculos, James Madison escreveu: “A liberdade surge da multiplicidade de cultos que permeia a América e que é a melhor e a única segurança para a liberdade religiosa em qualquer sociedade. Pois onde existe uma tal variedade de cultos, não pode haver uma maioria de um só culto para oprimir e perseguir os restantes” (citado em Ralph Ketcham, *James Madison: A Biography*, p. 166). Poderiam as Igrejas

hoje, uma vez unidas, reunir suficiente poder político para tornarem a ser uma ameaça?

Isto não é um medo assim tão infundado. O livro de Apocalipse lança um aviso precisamente sobre uma tal ameaça: o surgimento de um poder político-religioso que trará perseguição e morte àqueles que se recusarem a “adorar a imagem da besta” (Apocalipse 13:15). Embora exista muita especulação acerca do que isto significa exatamente, o facto de que a “adoração” desempenha um papel central no conflito prova que este poder do tempo do fim é, claramente, uma entidade religiosa, e que estarão envolvidas questões de fé, de adoração e de obediência a Deus.

De facto, os estudiosos Adventistas do Apocalipse predisseram, há mais de um século, que ocorreria o tipo de movimento em direção à unidade, especialmente entre Protestantes e Católicos, que estamos a ver hoje. Assim, eles veem estas tendências, não como um sinal da resposta à oração de Cristo pela unidade, mas, pelo contrário, como um sinal do desenrolar dos eventos finais, eventos que levarão à perseguição do povo fiel de Deus exatamente antes da Segunda Vinda de Jesus.

Portanto, todos os Cristãos – sem dúvida querendo que a oração de Cristo pela unidade seja atendida nos seus dias – seriam sábios se prestassem atenção a outras palavras de Cristo, à medida que veem desenrolar-se estas várias movimentações ecuménicas: “Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos; portanto, sede prudentes como as serpentes e simplices como as pombas” (Mateus 10:16). ✦

• **Clifford Goldstein**

Editor do Manual da Escola Sabatina



O açafrão e a saúde

Gostaria de saber se há algum fundamento científico para o consumo de açafrão. É benéfico o seu uso? Tem algum efeito sobre a saúde? Como deve ser consumido: Como remédio ou como alimento?

Quando Deus criou a Terra, proporcionou ao Homem plantas necessárias à manutenção da sua saúde. Estas revelaram-se ainda mais úteis quando a decadência física fosse acelerada por seis mil anos de pecado. O aumento exponencial das doenças degenerativas, especialmente o cancro, leva a Ciência a debruçar-se, cada vez mais, sobre o que poderá encontrar nas plantas para a solução do problema. Os estudos feitos com as plantas ricas em fitoquímicos, tais como a romã, as bagas, o chá-verde, certos vegetais, têm mostrado que o seu consumo está ligado a uma diminuição do risco de doenças crónicas, como o cancro. É também o caso do açafrão, que o prezado leitor refere.

O açafrão, habitualmente chamado açafrão-da-Índia, provavelmente tem a sua origem na Índia. O rizoma é fervido e depois é seco e moído, para formar uma especiaria de cor amarela-brilhante: o açafrão.

Este tem sido usado não só no tratamento de doenças, mas tam-

bém na conservação de alimentos. É também usado como aditivo alimentar, com a designação de E 100. O açafrão pode ainda ser usado, uma vez misturado com leite, em máscaras faciais para tratar vermelhões e manchas na pele.

O ingrediente ativo, a curcumina, encontra-se no caril indiano e tem sido usado em estudos clínicos relacionados com o cancro, assim como em estudos sobre doenças inflamatórias. A curcumina é, cada vez mais, objeto de intensivos estudos na medicina moderna. É usada pelo sistema médico indiano no tratamento de várias situações médicas. Ela oferece muitos benefícios para a saúde, sendo encarada como um poderoso anti-inflamatório, antioxidante, antibacteriano, antifúngico, antiviral e anticancerígeno, sendo também eficaz no tratamento de outras doenças crónicas. Em relação ao cancro, onde a preocupação é maior, somente no último ano foram publicados 240 estudos (*in vitro* e *in vivo*) sobre a emergente ação da curcumina como potente agente preventivo do cancro. Estes estudos mostram a ação da curcu-

mina sobre mecanismos moleculares que conduzem ao cancro. Num dos mais recentes estudos foi usado um conjunto de extratos de romã, chá-verde, açafrão e brócolos (Pomi-T), para o tratamento do cancro da próstata. Os resultados finais apresentaram uma diminuição de 63% dos níveis de PSA. É a primeira vez que se estabelece, na avaliação científica, a existência de uma forte influência na progressão dos marcadores do cancro.

Ao se usar o açafrão na alimentação, para que a curcumina seja absorvida e possa produzir os seus benefícios, é necessário que sejam seguidas as seguintes condições: O açafrão deve ser cozinhado com uma pitada de pimenta-preta (a substância ativa, a piperina, facilita exponencialmente a absorção) e com uma gordura saudável, como o azeite, para o proteger do ácido gástrico antes de entrar no intestino delgado.

“E as folhas da árvore são para a saúde dos povos” (Apoc. 22:2). 🌿

• Eunice Dias
Bióloga e Nutricionista

ABENÇOADOS PELA PRESENÇA

Os símbolos sagrados de Deus devem ser tratados com reverência.

Há uma história na Bíblia que assusta as pessoas há muitos anos. É a história de Uza, o homem que tocou na Arca da Aliança e morreu imediatamente. Por que razão faria Deus algo que, à primeira vista, parece ser cruel e irracional? Afinal, Uza estava apenas a tentar ajudar! Mas, se tu conheces a verdadeira história, sabes que não se trata de um homem que foi morto enquanto tentava cuidar das coisas de Deus. Antes, é sobre alguém que estava perfeitamente informado e, ainda assim, escolheu fazer o que estava errado.

Lembras-te dos Filisteus? Golias, o seu combatente gigante, tinha sido morto pelo jovem pastor David. Mas os Filisteus tinham começado a atacar o povo de David muito antes disso. Durante uma dessas batalhas, os Filisteus tinham capturado a sagrada Arca da Aliança. Os Filisteus pensavam que a Arca lhes traria boa sorte. Quando a sua presença lhes trouxe problemas, eles assustaram-se e decidiram devolvê-la aos Israelitas. Ela acabou por ficar na casa de Abinadab durante vinte anos, trazendo bênçãos à

sua família. Mas, lentamente, à medida que o tempo passava, a Arca tornou-se apenas mais uma peça de mobília naquela casa. Para os dois filhos mais novos de Abinadab, Aío e Uza, ela já não era especial.

Então, David tornou-se rei e o seu exército derrotou de novo os Filisteus. Grato pela ajuda prestada por Deus nesta guerra, David decidiu que devia levar a Arca para Jerusalém, onde ela poderia ser uma bênção para toda a nação. Assim, enviou 30 000 homens para levarem a Arca para a tenda que tinha erguido especialmente para ela.

Lembra-te de que a Arca tinha uns anéis redondos especiais em cada canto, para serem usados sempre que era transportada. Ninguém devia tocar na Arca. Os sacerdotes deviam passar uma longa vara através dos anéis existentes em cada canto da Arca e quatro dos sacerdotes deviam carregá-la, colocando as varas nos seus ombros. Abinadab e a sua família sabiam disto – eles eram sacerdotes – mas pensaram que não fazia diferença, pelo que nada disseram. Eles tinham tratado a Arca como uma peça de mobília comum e, assim, tinham perdido

todo o respeito por ela.

Em vez de procederem da maneira indicada por Deus, os que estavam a transportar a Arca escolheram proceder à sua maneira, fazendo uso de um carro de bois – como os Filisteus tinham feito – em vez de a carregarem aos ombros de sacerdotes. Uza e o seu irmão deveriam caminhar ao lado da Arca porque estavam familiarizados com ela e porque era suposto que eles soubessem como lidar com ela.

A Arca oscilava sobre o carro de bois ao longo da estrada, por causa dos buracos que nela havia. E uma oscilação foi suficientemente grande para fazer Uza pensar que a Arca poderia cair do carro de bois. Rapidamente ele estendeu o braço para a segurar – e caiu instantaneamente no chão, morto.

É neste ponto da história que todos nós sentimos pena de Uza. Até o rei David sentiu pena de Uza. Uza estava apenas a tentar ajudar! Ou não estava? Ele sabia que a Arca não deveria ser transportada num carro de bois, mas não disse nada. Ele sabia que não era permitido tocar na Arca, mas mesmo assim ele fê-lo. Uza sabia o que estava a fazer. Se ele tivesse



feito o que era correto em primeiro lugar, nada disto se teria passado.

O rei David fez parar o cortejo. Ele deu ordens para que a Arca fosse colocada na casa de Obed-edom, que vivia perto do local. Durante três meses, a Arca ficou na casa de Obed-edom. Durante esse período de tempo, toda a família de Obed-edom foi abençoada. Quando David ouviu acerca disto, percebeu que a presença de Deus, quando tratada

com respeito e honra, resulta em grandes bênçãos. E ele queria estas bênçãos para toda a nação.

De novo, David decidiu tentar mudar a Arca para Jerusalém. Mas, desta vez, ele disse aos sacerdotes que a transportassem como Deus tinha originalmente instruído. Os sacerdotes colocaram cuidadosamente as varas nos anéis e ergueram-nas para as colocarem aos ombros. Eles deram alguns passos – e não caíram mortos!

Assim, eles transportaram a Arca até Jerusalém, onde ela foi colocada numa tenda especial erguida em sua honra. Na próxima vez que fores à igreja, lembra-te de Obed-edom e decide aceitar a presença de Deus como um feliz privilégio. Imagina que estás na sala do trono de um Rei amoroso, que te convidou para vires estar com Ele! ▲

Retirado da revista Guide

Jakob Erzberger, o Pioneiro esquecido

Alguns nomes encontraram um lugar proeminente na história do começo do Adventismo na Europa. Michael Czechowski, o ex-sacerdote polaco e missionário aventureiro independente, que foi o primeiro a aventurar-se em solo europeu com a mensagem Adventista; John N. Andrews, que desenvolveu o trabalho de Czechowski e que foi decisivo para o estabelecimento da imprensa Adventista na Europa. E, claro, nenhuma história poderia ignorar Ludwig R. Conradi, o grande evangelista e estratega da missão que, a partir de 1886, supervisionou o crescimento fenomenal da Igreja e o estabelecimento da fé Adventista na Europa.

Pioneiro da segunda geração

Há um outro nome que é frequentemente ignorado, Jakob Erzberger, que, em 1870, se tornou no primeiro pastor Adventista do Sétimo Dia europeu ordenado para o ministério. Na realidade, ele era uma espécie de pregador de circuito para toda a Suíça e para toda a Alemanha. Sendo um homem humilde, Erzberger contentava-se em permanecer na sombra de Czechowski, Andrews e Conradi, os quais se tornaram conhecidos como os pais fundadores do Adventismo europeu. Num certo sentido, Erzberger foi o “primeiro fruto” do trabalho missionário de Czechowski na Europa. Ele frequentemente dava seguimento aos esforços evangelísticos dos outros pioneiros, enquanto pastor fiel das igrejas recentemente estabelecidas, e era ele que providenciava cuidados pastorais e que firmava os novos

crentes na fé, após os outros pioneiros se terem transferido para novas e mais desafiadoras áreas.

Um bom exemplo da obra de Erzberger foi o seu trabalho na área de Vohwinkel/Wuppertal, em que ele foi crucial para o estabelecimento da primeira igreja Adventista no solo alemão, em 1875/1876. John N. Andrews, que nessa data liderava o trabalho missionário na Europa, não falava fluentemente alemão, pelo que passou apenas algumas semanas na área de Vohwinkel/Wuppertal, antes de regressar à Suíça. Erzberger ficou na área e formou o pequeno grupo de crentes, revelando-lhes mais verdades Adventistas. Isto levou ao batismo de oito pessoas num lago perto de Vohwinkel, em janeiro de 1876, tornando-se esta na primeira igreja Adventista na Alemanha. No entanto, Erzberger não se limitou a pregar e a batizar.



JAKOB ERZBERGER (1843-1920):
Fundador da primeira igreja Adventista oficial na Alemanha, Vohwinkel.

Ele também escreveu os primeiros folhetos Adventistas alemães, que a jovem igreja distribuiu.

A vocação e a educação

Jakob Erzberger nasceu em 1843, em Seltisberg, perto de Liesetal, na Suíça. Como resultado da morte do seu pai, o jovem Jakob cresceu na pobreza. A sua mãe esforçou-se ao máximo para sustentar os seus quatro jovens filhos através da tecelagem. Por causa da boa influência da sua mãe, Jakob decidiu trabalhar para Deus quando era ainda jovem. Em 1864, ele pôde frequentar um seminário de missão perto de Basileia. Este seria um período de crescimento espiritual e de amadurecimento para o jovem, apesar de dúvidas e de lutas privadas.

À sua chegada ao seminário, um dos estudantes afirmou que o diabo não se atrevia a entrar pelos portões do seminário. O jovem Erzberger respondeu que o diabo tinha conseguido chegar ao terreno consagrado do seminário, pois Erzberger o confrontava frequentemente “no seu coração”. Após se completar o primeiro ano do seminário, era requerido que os estudantes realizassem uma componente prática dos seus estudos, que se destinava a fazer desenvolver o seu carácter – eles eram enviados como pregadores missionários. Erzberger serviu parte deste período de tempo como capelão na prisão de Pruntrut.

Uma inesperada reviravolta na sua vida deu-se em 1867, quando Erzberger se cruzou com um grupo de crentes Adventistas em Tramelan. Este grupo tinha sido estabelecido por Czechowski em 1867. Erzberger encontrava-se numa viagem de pregação ao ser-

viço do seminário. Perto da cidade de Tramelan, ele rasgou o seu único par de calças. Ele encontrou um alfaiate que não só reparou as suas calças, como lhe deu um estudo bíblico sobre o fim do mundo, a eminente volta de Jesus e a validade do mandamento do Sábado. Erzberger, o seminarista e “teólogo”, ficou profundamente impressionado com o conhecimento bíblico deste simples alfaiate. Após ter comunicado ao seminário as suas novas descobertas bíblicas, Erzberger foi forçado a deixar a instituição. “Todos os meus amigos me voltaram as costas”, escreveu ele mais tarde. “Aos seus olhos, eu era apenas um herege.”

Somos nós os únicos?

Tendo decidido pastorear o pequeno grupo de crentes em Tramelan, que tinha sido crucial para o seu crescimento espiritual, Erzberger não assumiu uma tarefa fácil. Os membros do grupo acreditavam

que eles eram os únicos em todo o mundo que possuíam as crenças Adventistas. Quando os membros do grupo descobriram, alguns meses mais tarde, que já existia uma igreja Adventista do Sétimo Dia estabelecida na América do Norte (que Czechowski não tinha mencionado), eles enviaram Erzberger para Battle Creek, Michigan, para estabelecer contacto com a Igreja. Foi assim que Erzberger, que não falava uma palavra de inglês, viajou para uma terra desconhecida, sem ter aí um único contacto ou amigo. Felizmente, ele foi calorosamente recebido no lar de James e Ellen White. O jovem John H. Kellogg instruiu Erzberger no inglês, enquanto James White lhe dava estudos bíblicos.

Enquanto estava no lar da família White, Erzberger descobriu um texto bíblico que ele não pôde compreender. Isto perturbou-o. Ele não partilhou o seu problema com mais ninguém. Uma noite, à

Uma inesperada reviravolta na sua vida deu-se em 1867, quando Erzberger se cruzou com um grupo de crentes Adventistas em Tramelan.





volta da fogueira, Ellen White perguntou subitamente se ele tinha achado esclarecimento sobre esse ponto em particular. Erzberger ficou estupefacto e apenas pôde atribuir a perspicácia dela ao seu dom profético.

Após mais estudos e mais instrução, Erzberger foi ordenado, em 1870, por James White e John N. Andrews, numa reunião campal em South Lancaster, Massachusetts, e foi comissionado, na mesma data, para fazer trabalho missionário na Europa. Assim, quando Andrews assumiu a direção da obra na Suíça em 1874, ele já tinha aí um colaborador e um guia.

Construtor de pontes e companheiro

O trabalho de Erzberger nem sempre foi fácil. Durante algum tempo ele até desistiu do seu trabalho missionário, porque estava desencorajado devido às atitudes de alguns membros de Igreja. Estes membros – como se pode deduzir de uma carta escrita a Ellen White em 1878 – acusaram Erzberger de ter ficado “orgulhoso” do seu novo “conhecimento americano”, acerca

do qual ele pregava. Mas, de algum modo, ele reencontrou coragem para retomar o seu trabalho e continuou a ser uma força impulsionadora da missão Adventista, especialmente após a morte prematura de John N. Andrews em 1883.

Quando Ludwig Conradi foi enviado de novo para a Europa, em 1886, Erzberger estava mais uma vez à disposição, enquanto guia e colaborador fiel. Inspirado pelo impulso evangelístico de Conradi, ele começou seminários de profecia muito bem-sucedidos em várias grandes cidades da Suíça (Lausanne, Basileia, Zurique, Berna), que levaram ao estabelecimento de igrejas nessas cidades. O pregador Metodista (e, mais tarde, pioneiro Adventista) E. E. Frauchiger ouviu Erzberger em Lausanne pela primeira vez e afirmou que “toda a cidade seria tomada de assalto” por ele.

Os tópicos apresentados e o modo como eles eram apresentados conseguiram captar a atenção das massas. Todos os dias Erzberger apresentava um tópico em Alemão ou em Francês. A estreita associação que ele tinha com Con-

radi fortaleceu e desenvolveu a sua ênfase evangelística. No entanto, Conradi mudou-se rapidamente para a Alemanha e concentrou os seus esforços aí, e Erzberger ficou como o único pregador Adventista responsável por todas as igrejas de língua alemã da Suíça durante muitos anos. Em 1903 a sua mulher, Marie, morreu. Ela tinha 53 anos. Erzberger tinha sido casado desde 1882 e tinha dois filhos: Heinrich (nascido em 1884) e Jakob (nascido em 1886).

Os últimos anos

A partir de 1904, Erzberger trabalhou sobretudo como evangelista em viagem por toda a Alemanha. Em apenas um mês – abril de 1906 –, ele pregou 49 vezes e deu 28 estudos bíblicos. Cheio de fervor evangelístico, ele escreveu para o seu filho Heinrich, em 1910, de Munique: “O tempo voa, Jesus vai voltar em breve e ainda assim há tantos que estão tão pouco preparados.”

Desgastado pela doença e pelo estilo de vida sacrificial próprio de um missionário pioneiro, Erzberger passou os seus anos finais em Sissach, na Suíça, e morreu em 1920. Ludwig R. Conradi escreveu num tributo ao seu esforçado colega e amigo o seguinte: “Sem procurar a sua própria honra, ele empenhou-se ao máximo na busca de almas, na típica ‘maneira suíça’ – direta e objetiva. Mesmo sendo um obreiro experiente, ele estava sempre pronto para trabalhar sob a direção de alguém mais jovem do que ele. Ele não buscou o seu próprio interesse, não era alguém que buscava alcançar boas posições. Conduzir pessoas a Jesus era, para ele, a mais importante e santa obra.”

• Daniel Heinz

Diretor do Arquivo Histórico Adventista Europeu

Ainda Especial

Este ano, o meu marido, Rob, e eu alcançámos o marco dos 25 anos no nosso casamento. No entanto, não estivemos casados com as mesmas pessoas todo esse tempo. Não estou a falar de divórcio: nada mudou na nossa situação matrimonial. Mas concordo com a pessoa que disse que, quando estamos casados há tanto tempo, estamos a falar de vários casamentos – não apenas de um –, porque as pessoas mudam ao longo dos anos, e aquilo que tínhamos quando começámos não é forçosamente o que temos 25 anos depois.

Quando uma amiga me perguntou qual o aniversário que estávamos a festejar e eu respondi, os seus olhos abriram-se muito e ela disse: “Bem, parabéns! Isso é uma grande façanha. A maioria das pessoas não aguenta tanto tempo hoje em dia. Devem estar orgulhosos.” Não tenho a certeza se me sinto mais orgulhosa ou mais grata. É difícil sentir-se orgulho nalguma coisa em que nos atrapalhamos

constantemente, e o casamento envolve muita atrapalhação.

Mas se pensam que certamente, nesta altura, já ganhei algumas migalhas de sabedoria para transmitir sobre permanecer juntos, fazer com que as coisas funcionem e andar a segunda milha, a minha resposta é sim, ganhei. Obrigada por perguntarem. E não tem nada a ver com tampas de sanita nem com pastas de dentes – a não ser indiretamente. Prestem atenção, porque vou revelar um dos segredos do Universo, um dos grandes mistérios da vida.

A dedicação precisa de duas coisas para durar: um forte sentido de humor e Deus. Não necessariamente nessa ordem. Acham que é demasiado simples? Talvez seja, mas quando acontece, as coisas que parecem mais complicadas na vida são, muitas vezes, as mais simples.

Precisamos de um bom sentido de humor, que funcione, para nos ajudar a passar pelo dia-a-dia. As tampas de sanita, as pastas de dentes, as pilhas de roupa suja e os papéis de publicidade em todos os

recetáculos menos nos adequados, a tendência para se atrasar, a perturbadora falta de cortesia social, todas as coisas que, diariamente, nos põem loucas por vivermos com uma pessoa que não é um clone perfeito de nós mesmas.

No meu caso, tive sorte. Não casei com o Rob pelo seu sentido de humor. Na verdade, nem tenho a certeza de ter percebido que ele tinha um. Acontece que ele é mais sagaz do que eu, e essa é uma qualidade que tenho apreciado mais do que qualquer outra ao longo dos anos. Pessoalmente, acho que se devia acrescentar aos votos matrimoniais: “Prometo amar-te, honrar-te, obedecer-te e rir-me da vida...”

Quanto ao nosso relacionamento com Deus, por vezes esquecemo-nos de confiar n’Ele quando as coisas se tornam difíceis, quando o bom se torna mau. Mas não esperem que Deus mude o vosso cônjuge. Esperem que Ele mude o vosso próprio coração. Se o vosso cônjuge mudar também, bom, isso é uma mais-valia.

Pensem assim: Deus não é tanto o laço que vos une, mas é mais o elástico que impede que a corda rebente nos momentos difíceis. Deus dá ao vosso relacionamento “amor elástico”, do tipo que volta sempre à mesma posição. Como Paulo, um líder na Igreja Cristã Primitiva, escreveu numa carta aos Filipenses (Fil. 4:13), podemos passar todas as coisas e vencer tudo desde que estejamos ligados a Deus. “Tudo”, neste caso, representa tudo o que vos acontece durante 25 anos e para além deles. Porque 25 anos não é o ponto de chegada; é apenas um marco na estrada. ♣

• Céleste Perrino-Walker
Colaboradora da revista
americana Vibrant Life



A história de Neemias

Prestando atenção a uma reunião bíblica de reavivamento

Tinha sido um tempo de espessas trevas para o povo de Deus. Com Jerusalém em cinzas, o templo destruído e a maioria do povo no exílio babilônico, a situação parecia ser desesperante. Mas, então, Deus tinha feito o impossível. Babilônia tinha sido conquistada e a nova superpotência, a Medo-Pérsia, tinha permitido que o povo de Deus regressasse ao seu lar – a terra prometida – num segundo êxodo. O Senhor tinha “despertado o espírito de Ciro” (Esdras 1:1), o rei persa; e quando Deus toca um coração, quem pode deixar de responder?

Começos duros

Baseados em documentos extrabíblicos, listas de nomes, selos e outras inscrições, os eruditos estimam que as cerca de 50 000 pessoas (Esdras 2:64 e 65) que regressaram sob a liderança de Zorobabel representavam apenas um pequeno número dos Judeus que viviam no império Medo-Pérsia.¹ Muitos tinham-se instalado confortavelmente e não se queriam mudar. A hipoteca estava quase paga. A vida sob o novo regime político era boa, os seus filhos tinham acesso às melhores universidades, e para que cenário voltariam eles? Para uma cidade destruída, campos abandonados, vizinhos hostis e para um local perigosamente situado nos limites do império, entre o Egito e a Mesopotâmia.

Quando lemos os primeiros capítulos do livro de Esdras, re-

conhecemos imediatamente a imensidão da tarefa a realizar e os muitos problemas que levantava (cf. Esdras 3-7). No entanto, um olhar atento ao quadro geral da situação diz-nos que a questão em causa era mais do que apenas o problema de uma cidade destruída e de forte oposição externa. O profeta Ageu diz-nos que os que retornaram tinham um problema espiritual: eles debatiam-se com prioridades distorcidas, mundanismo e egoísmo e em breve tiveram que reconhecer que, sem colocarem em primeiro lugar o que era prioritário, os seus esforços resultariam em nada (Ageu 1:2-11).

Entra Neemias

As Escrituras dizem-nos que o templo foi finalmente reconstruído cerca de 20 anos após o regresso do exílio e dizem-nos

também que a comunidade judaica celebrou então a sua primeira Páscoa (Esdras 6:13-22). Mas, em seguida há apenas silêncio durante muitas décadas. Saltamos, então, para o ano 445 a.C., cerca de 70 anos depois da reconstrução do templo, e descobrimos que Jerusalém tem um sério problema. Neemias, um oficial importante na corte persa, recebe más notícias acerca de Jerusalém e, naquela que é uma das grandes orações presentes nas Escrituras, ele traz a sua angústia diante de Deus (Neemias 1:1-11). Ele confessa os seus pecados e os pecados do seu povo, mas também reclama as promessas divinas de renovação e de transformação (vv. 8 e 9). À medida que ora, parece reconhecer que ele não é apenas parte do problema (veja a sua confissão), mas precisa de ser também parte da solução oferecida por Deus.

Ainda orando, com um coração trémulo e joelhos cambaleantes, Neemias aproxima-se do seu patrão, um monarca absoluto cujo simples gesto ou palavra é suficiente para pôr fim à vida de um homem num instante. Deus realiza outro milagre e Neemias deixa a Pérsia empossado pelo rei persa como oficial governamental. Agora ele tem o poder de fazer as coisas acontecerem.

Reavivamento em Jerusalém

Jerusalém está sem defesa, com as suas muralhas negligenciadas e destruídas e com os seus vizinhos hostis exultantes. Neemias inspeciona os estragos numa secreta operação noturna (Neemias 2:11-16), e então põe-se ao trabalho. No entanto, ele percebe que esta grande obra necessita do envolvimento da comunidade e, descrevendo a recente bênção de Deus na corte persa, Neemias convida os líderes judeus para a grande tarefa de reconstruir as muralhas de Jerusalém (Neemias 2:17-20).

Certamente recorda-se do seu empenho absoluto. Nada nem ninguém o poderá parar. E, Deus seja louvado, as muralhas de Jerusalém foram reconstruídas num tempo recorde (cf. Neemias 3 e 4, 6 e 7). Mas o reavivamento e a reforma não é apenas uma questão de ação. Eles chamam-nos de volta aos princípios fundamentais. E, à medida que continuamos a ler a história de Neemias, tornamo-nos testemunhas de uma grande assembleia em Jerusalém, reunida durante o sétimo mês.² Esdras, o sacerdote, reaparece na história e faz uma leitura da *Torah* – a Lei de Moisés ou o Pentateuco (Neemias 8:1-3) – revezando-se com outros Levitas. Toda a gente escuta durante horas.

Uma das palavras-chave desta reunião de reavivamento é o termo “compreende”, que aparece seis vezes no capítulo (Neemias 8:2 e 3, 7, 8 e 9, 12). Homens e mulheres, jovens e idosos, compreendem que a sua vida não estava em harmonia com a Palavra de Deus e choram e pranteiam (Neemias 8:9), de tal modo que Esdras e Neemias precisam de lembrar o povo de que a graça de Deus é suficiente. De facto, a alegria do

Senhor é a força deles (e a nossa), exorta Neemias (8:10).

O que podemos aprender?

Algo importante começou naquele dia em Jerusalém: um reavivamento que envolveu o claro reconhecimento de que Deus e o pecado não podem andar juntos; e este reconhecimento também conduziu a uma mudança nas relações entre os membros da comunidade pós-exílica. Eis alguns elementos-chave do reavivamento bíblico que podemos colher da história de Neemias:

1. O reavivamento não é um evento que ocorre uma só vez, mas é uma decisão constante (e consciente). Lemos sobre outros reavivamentos na comunidade pós-exílica (e. g. Esdras 3 e 10), e antes disto temos numerosos exemplos de reavivamento em períodos anteriores. O reavivamento necessita de ser um compromisso diário.

2. O reavivamento deve estar baseado nas Escrituras, e não focado nas emoções ou em música adequada ou em dinâmicas de grupo. Quando o povo de Deus é confrontado com a revelação divina, quando eles olham para o espelho que é a Palavra de Deus e reconhecem quem verdadeiramente são (sim, nós somos pecadores!), acontece o reavivamento.

3. O reavivamento entre o povo de Deus envolve uma comunidade: mulheres e homens, jovens e idosos, ricos e pobres. Todos se juntaram para ouvir a Palavra de Deus e responderam como comunidade. Sendo verdade que o reavivamento pessoal é um compromisso diário, há momentos-chave na vida da Igreja em que o ímpeto do reavivamento pessoal leva a um reavivamento coletivo.

4. Reavivamento não é focar-mo-nos num líder. Sim, Neemias

e Esdras eram líderes fortes e preocupavam-se com Jerusalém e com os seus problemas. Mas eles apenas podiam avançar quando outros também partilhassem a sua visão. Eles lideraram, mas não geraram o reavivamento.

5. O reavivamento toma em consideração o quadro-geral da situação e evita ser desviado por distrações exteriores. Estou certo de que os inimigos de Jerusalém queriam que a cidade se focasse sobre os seus problemas. No entanto, em vez disso, a comunidade de fé focou-se sobre a Palavra de Deus e sobre a mensagem de Deus para o seu tempo.

Restaura-nos, Senhor!

Sente a necessidade deste renascimento pessoal da sua vida espiritual? O seu tempo empregue na leitura das Escrituras e na oração está limitado por uma agenda ocupada de mais e por compromissos a mais? A história de Neemias é pessoal e, ao mesmo tempo, de longo alcance. Ele deve ter lido frequentemente nos Salmos acerca deste Deus restaurador: “Restaura-nos, ó Deus; faze resplandecer o teu rosto, e seremos salvos!” (Salmo 80:3). Deus fez realmente resplandecer o Seu rosto sobre o Seu povo e Ele está pronto para o fazer de novo. ✨

• **Gerald A. Klingbeil**

Diretor-Associado da revista
Adventist World

1. Compare a discussão em Laurie E. Pearce, “New Evidence for Judeans in Babylonia”, in *Judah and the Judeans in the Persian Period*, Oded Lipschits e Manfred Oeming, (eds), Winona Lake, Ind., Eisenbrauns, 2006, pp. 399-412, e a bibliografia adicional aqui indicada.

2. O sétimo mês do Velho Testamento, correspondendo a setembro/outubro do nosso calendário, é importante no sistema religioso judeu. Três eventos-chave ocorrem neste mês, incluindo a festa das trombetas (Levítico 23:24), o dia das expiações (Levítico 23:27) e a festa dos tabernáculos (Levítico 23:34). É verdadeiramente um mês de reavivamento e reforma!

PLANO ESTRATÉGICO

DA UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
PARA O QUINQUÊNIO 2012-2017

VIVER+

INFORMAÇÃO

PARA QUE SERVEM ESTAS RESPOSTAS?

Este documento prático tem a função de apresentar e explicar, de forma simples e clara, o Plano Estratégico da UPASD para o quinquénio 2012-2017. Através dele, os dirigentes e demais irmãos verão reunida informação básica sobre os planos da Igreja e verão facilitada a integração das ações das suas igrejas nesses planos, para que todos, juntos, trabalhem na Missão em Portugal.

O QUE É UM PLANO ESTRATÉGICO?

Um Plano Estratégico é um processo através do qual uma organização define a sua orientação, implementa ações que a coloquem em prática e reúne recursos que tornem possível que seja alcançada.

As perguntas mais importantes a que um Plano Estratégico deve responder são:

- › O que se deseja alcançar?
- › Quais as medidas a tomar para atingir esse fim?
- › Que meios e instrumentos precisamos de reunir para o tornar possível?

Na definição de um Plano Estratégico é fundamental que uma organização tenha presentes e firmados alguns conceitos básicos e agregadores: a Visão, a Missão e os Valores da organização, em geral, ou especificamente do seu Plano Estratégico.

FAQ's

(PERGUNTAS
FREQUENTES)

PARA QUE TEM A UPASD UM PLANO ESTRATÉGICO?

A UPASD, corpo administrativo e representativo da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é uma denominação Cristã que unifica as comunidades locais Adventistas em Portugal e que tem debaixo da sua alçada administrativa, para além destas, Departamentos, Serviços e Instituições. Tendo as suas visão e missão e os seus valores alicerçados nas Escrituras Sagradas, é neles que encontra os fundamentos dos planos que idealiza e aplica para o cumprimento do mandato missionário de Jesus.

Para a UPASD, um Plano Estratégico tem a útil função de orientar e harmonizar o esforço conjunto de todos os seus intervenientes, na direção de uma mesma visão, com o pensamento e a ação numa só missão e comungando dos mesmos valores – todos encontrados no amor de Deus, no dom de Jesus e na presença do Espírito.

O QUE É UM PLANO DE AÇÃO?

Um Plano de Ação é um instrumento usado por uma organização, no qual, tendo em consideração o Plano Estratégico, estão apresentados os objetivos específicos, as atividades a desenvolver para os alcançar e as datas em que terão lugar, durante um certo período de tempo.

Nos planos propostos pela UPASD, o Plano Estratégico tem a duração de um quinquénio (2012-2017), coincidindo com o mandato dos dirigentes da União; e os “Plano de Ação” em que ele se divide referem-se a períodos anuais, de janeiro a janeiro, coincidindo com os mandatos dos oficiais das igrejas locais.

QUEM DEVE TER E USAR UM PLANO DE AÇÃO?

Tanto a UPASD como as igrejas devem ter e seguir um Plano de Ação.

COMO DEVE SER USADO O PLANO DE AÇÃO DA UPASD NA IGREJA LOCAL?

A UPASD prepara e apresenta atempadamente, através das Reuniões de Oficiais de Igreja realizadas no final de cada ano, o seu Plano de Ação, com os objetivos, as atividades e as datas que o compõem, devendo cada igreja local elaborar e seguir o seu Plano de Ação em conformidade com o da União.

(São exceções os casos em que as igrejas locais propõem Planos de Ação alternativos, necessariamente autorizados.)

NO PLANO ESTRATÉGICO DA UNIÃO, O QUE SÃO BANDEIRAS?

Tal como no Povo de Israel as bandeiras, ou os estandartes, sinalizavam as diferentes tribos que o compunham, no Plano Estratégico da UPASD as Bandeiras são um símbolo das quatro áreas de envolvimento, nas quais o Plano se desenrola. Elas ajudam-nos a sinalizar a nossa intervenção e a perceber se o nosso envolvimento, ao nível de igreja local, departamento ou instituição, é feito de forma direcionada, significativa e equilibrada, se responde às necessidades sentidas e se contribui para o crescimento e desenvolvimento da Igreja.

Essas quatro Bandeiras correspondem às quatro dimensões do ser humano: Bandeira Física, Bandeira Mental, Bandeira Espiritual e Bandeira Social.

Cada Bandeira, por sua vez, tem uma dimensão interna ou externa, consoante se dirija e produza o seu efeito entre os membros e as famílias da Igreja ou para amigos, familiares e visitas dos membros de Igreja e público em geral.

E O QUE SÃO FERRAMENTAS?

Ferramentas são instrumentos criados pela UPASD, através dos seus Departamentos, Serviços e Instituições, que são colocadas ao dispor das igrejas, para serem usadas como atividades integradas no Plano de Ação.

Estas Ferramentas dividem-se e integram-se, pela sua natureza, por cada uma das Bandeiras e destinam-se, consoante o seu foco, ao interior da Igreja ou para a sociedade.

São exemplos de Ferramentas Seminários, Formações, Materiais Audiovisuais ou de Publicações, Encontros, etc..

O QUE É UMA AÇÃO PRIORITÁRIA?

Ações Prioritárias são aquelas que, dada a sua importância para o cumprimento do Plano Estratégico, têm de ser obrigatoriamente inseridas no Plano de Ação. Para 2014, são exemplos de Ações Prioritárias o Livro Missionário e as “Campanha de Evangelização” locais.

COMO POSSO OBTER MAIS INFORMAÇÃO SOBRE O PLANO ESTRATÉGICO E ACOMPANHAR AS INICIATIVAS DO PLANO DE AÇÃO DA UPASD?

O Plano Estratégico da UPASD está disponível em:

http://www.adventistas.org.pt/uploads/ckeditor/attachments/58/PE-UPASD_2012-2017_.pdf.

O Calendário do Plano de Ação está disponível em: www.adventistas.org.pt/quemsomos.

As Ferramentas ao seu dispor estão disponíveis em: www.adventistas.org.pt/quem-somos.

GOSTARIA DE VER O EXEMPLO DE UM PLANO DE AÇÃO DE UMA IGREJA LOCAL. SERÁ POSSÍVEL?

Estão ao seu dispor um Modelo de Plano de Ação Geral, um Modelo de Plano de Ação Específico e um Modelo Cronograma de um Plano de Ação, em: www.adventistas.org.pt/quem-somos.

2014



VIVER +



A MISSÃO
Um Crente,
Um Missionário

VISÃO GERAL

Em comunhão com Deus e ao serviço do ser humano, restaurar vidas à semelhança de Cristo.

VISÃO ESPECÍFICA

O crente, ao crescer na experiência espiritual, é movido pelo amor de Cristo a consolidar a consagração pessoal e comunitária, e a identificar-se com as necessidades das pessoas que o rodeiam, ajudando-as a alcançar um desenvolvimento harmonioso das faculdades físicas, mentais, sociais e espirituais.

TEXTO-BASE

... eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância (JOÃO 10:10).

MISSÃO

Sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos a mim o fizestes (Mateus 25:40).

OBJETIVOS

- Igreja mais viva, interventiva e relevante.
- Cada crente / cada família responsável pela conversão de um familiar ou amigo.

VALORES

UNIDADE



QUALIDADE DE VIDA



CRESCIMENTO



ÁREAS DE ENVOLVIMENTO

FÍSICO

Externamente

PROMOVER + OS PRINCÍPIOS DE SAÚDE
Internamente
VIVER + OS PRINCÍPIOS DA SAÚDE

MENTAL

Externamente

DESENVOLVER + AS CAPACIDADES DO INDIVÍDUO
Internamente
VIVER + AS APTIDÕES

ESPIRITUAL

Externamente

PARTILHAR + CRISTO
Internamente
VIVER + O DISCIPULADO

SOCIAL

Externamente

SER + SOLIDÁRIO
Internamente
VIVER + A COMUNIDADE

PLANO DE AÇÃO CONSOLIDADO

2014

JANEIRO	10-12	Programa Especial de Compromisso	JUNHO	01-07	Campanha Nacional da ADRA
	11	Programa Especial de Compromisso - Transmissão web tv		08-13	Formação p/ Pastores
	13-16	Curso de Iniciação à Colportagem		14	Dia dos Ministérios da Mulher
	18	Dia da Liberdade Religiosa		14 e 15	Escola de Formação J.A. Lx/Alent/Algarve
	19	Encontro de Dirigentes J.A.		21	Festival do Hino
	26	Conselho Nacional de Educação		23-25	Lançamento do Kit de Aconselhamento p/ o Casal
	26.	Encontros Regionais de Delegados da ADRA		29/06- -31/07	Colportagem Jovem
FEVEREIRO	02	Encontro Nacional de Líderes	JULHO	04-06	Acampamento Estudo e Oração
	08-15	Semana Especial da Família		13/07- -09/08	Promotores de Saúde
	14-16	Encontro Nacional dos Ministérios da Criança		13-20	Formação para Pastores
	09	Encontro de Anciãos R.E. Lisboa		11-13	ACNAC Rebentos
	16	Formação de Instrução Religiosa por R.E.		20-27	ACNAC Tições
	16	Encontro de Anciãos R.E. Norte		28/07- -07/08	ACNAC Companheiros
	23	Encontro de Anciãos R.E. Centro		AGO.	10-20
28/02- -04/03	Congresso Nacional de Jovens	21-31	IMPACTO		
MARÇO	01	Dia Internacional de Oração da Mulher	SETEMBRO	21-31	Acampamento de Famílias
	03-09	Formação para Pastores – Paolo Benini		01-07	Projeto Abraçar o Mundo
	09	Encontro de Anciãos R.E. Alentejo e Algarve		10-13	Congresso Internacional de Universitários
	15-22	Semana de Oração J.A.		22-25	Curso de Iniciação à Colportagem
	15	Dia Global da Juventude		27	Dia de Sensibilização Contra a Violência
	23	Encontro de Reflexão sobre Liberdade Religiosa		26-28	Encontro das Tecnologias da Comunicação
	23	Formação sobre Saúde R.E. Alentejo e Algarve		OUTUBRO	04
30	Formação sobre Saúde R.E. Lisboa	05	Conselho J.A.		
06	Formação sobre Saúde R.E. Centro	11-18	Campanha de Evangelização nas Grandes Cidades		
12	Distribuição do Livro Missionário	19	Conselho Nacional de Educação		
12-14	Congresso de Publicações	24-26	Encontro 60+		
13	Formação sobre Saúde R.E. Norte	25	Dia do Espírito de Profecia		
13	Formação p/ Colportores	25 e 26	Escola de Formação J.A.		
ABRIL	14	Formação p/ Pastores	NOVEMBRO	01-08	Semana de Oração e Sacrifício
	17-20	Acampamentos Regionais		09-11	Conselho de Fim de Ano
	25-27	Convenção Nacional de Educação		14-16	Encontro de Música
	26	Dia da Educação		23-25	Convenção Pastoral
	03-10	Campanhas de Evangelização Locais		27	Conferência AIDLR
	13-24	Campanha de Evangelização com o Pr. Bullón		29	ROIG'S
	24	Assembleia Espiritual		DEZ.	05-08
26-29	Curso de Iniciação à Colportagem	06	Dia da Mordomia		
30/05- -01/06	Encontro da Amizade	13	Dia da Saúde		
			28 e 29	Convenção de Colportores	

Abordagem terapêutica do Dr. Neil Nedley,
autor do livro "Como sair da Depressão"

Prevenção, Tratamento e Cura

Aprenda a lidar com a

Depressão

10

dias para melhorar a sua vida

16 a 25 de fevereiro

Associação Portuguesa de Medicina Preventiva

Serra de S. Maria, 3230-055 Espinhal (Penela)

€450,00 em quarto duplo
€600,00 em quarto single
€200,00 para acompanhante



Inclui:
Alojamento
Alimentação
Acompanhamento
Consultas Médicas e Psicológicas
Tratamentos Naturais

Informações e Inscrição: giselapineiro@medicinapreventiva.pt ou 93 556 18 15



associação portuguesa de
Medicina Preventiva



Departamento de Saúde
IGREJA ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA



Associação
Internacional
de Temperança